



05 DE NOVEMBRO DE 2007

*512º Encontro Semanal do Pacto de Cooperação da Agropecuária Cearense
- AGROPACTO -*



TEMA: *"A Ovinocaprinocultura Institucional – Desenvolvimento e Oportunidades de Negócios e Inclusão Social"*

PALESTRANTE: *Dr. ALDOMÁRIO TRAJANO RODRIGUES, Funcionário da EMEPA, Coordenador do Programa do Leite de Ovinos e Caprinos da Paraíba.*



SR. COORDENADOR FLÁVIO SABOYA: Vamos dar início a nossa reunião do AGROPACTO. Para compor a nossa Mesa, convidamos os senhores: Dr. Germano Bluhm, representante do Sebrae; o representante do BNB; o representante do Banco do Brasil do Brasil; o Dr. Francisco Zuza, representante da Adece; o representante do Segmento Produtivo, da Caprileite.

Nós tínhamos previsto hoje como palestrante, o Dr. Luiz Alberto Amorim, Diretor Técnico do Sebrae da Paraíba, mas em função de problemas, não pode comparecer. Mas, tivemos a sorte e satisfação de contra aqui com o nosso amigo, o Dr. Aldomário Rodrigues, profundo conhecedor, também, funcionário da Emepa e que coordena o programa de leite de ovinos e caprinos. Mas, com esse destaque, como havia falado, que a Paraíba hoje, já passa o Rio Grande do Norte, no programa de leite. E que isso é um desafio muito grande, para o programa de leite do Ceará, que poderia ter essa atividade como um dos seus focos de destaque.

Eu gostaria de inicialmente justificar a ausência do nosso companheiro e Presidente, Torres de Melo, que se encontra em viagem ao Exterior. Torres de Melo encontra-se hoje na Espanha, em seguida irá a Portugal, numa missão do Sebrae. E hoje estamos iniciando a seqüência de palestras, sobre a Ovinocaprinocultura. E teremos no dia 19, uma Audiência Pública na Assembléia Legislativa, provavelmente, para ser confirmada, na área também, de caprinocultura leiteira.

Na próxima segunda-feira, teremos a apresentação do GIAP, do Empreendedorismo Rural. Ainda temos a confirmar se será na Assembléia Legislativa, ou aqui mesmo.

Pelo adiantado da hora, vamos dar início a sua apresentação, Aldomário. Esteja em casa. Aqui nós trabalhamos aproximadamente, durante meia hora teremos a apresentação, em seguida, recomporemos a Mesa e surge o debate, com perguntas e respostas. A palavra é sua, prazer em tê-lo no Ceará.

SR. ALDOMÁRIO RODRIGUES: Bom-dia a todos.

Inicialmente queria justificar a ausência do nosso colega Luiz Alberto, ele além de outros problemas que está enfrentando lá na Paraíba, que estamos iniciando amanhã o Sincorte, Seminário Internacional sobre Ovinos e Caprinos de Corte, ele também, está afônico e pediu para eu representá-lo aqui, nesta missão.

Mas, quero externar minha satisfação aqui em estar com os senhores, é sempre um prazer estar no Ceará e principalmente tratando da caprinovinocultura, a quem dediquei a minha vida inteira.

Pegaram-me um pouco de surpresa, estava na fazenda, nesse feriadão e quando o Luiz me ligou dizendo que não podia vir, pediu para que eu o representasse neste encontro, e infelizmente, eu imaginava que fosse uma discussão de uma mesa redonda, não entendi que era desta forma, senão, teria trazido material de áudio visual. Mas, como o trabalho da ovinocaprinocultura, desde cedo, a sua gênese nesse momento ela passou por nós, nós temos uma certa vivência e vamos aqui tentar retratar aquilo que estamos vivos vivenciando no Estado da Paraíba, ao longo desses últimos 8, 10 anos.

Mas mesmo assim, gostaria de resgatar que no final da década de 70, eu chefiava a Fazenda Experimental de Pendência, alguns aqui já visitaram e o primeiro trabalho a ser executado por mim naquela fazenda, foi dar continuidade a um trabalho de um colega agrônomo, sobre agrostologia, principalmente, trabalhando sobre o capim búfel, que naquela época era uma coqueluche. E chegamos a conclusão na Fazenda Pendência, que está localizada nos Cariris Paraibanos, uma das regiões mais secas do Nordeste, que além de ser pequena, o volume precipitado por ano, também, a distribuição é extremamente irregular. E durante 7 anos nós fizemos um trabalho de agrostologia isso com bovino ainda, porque a fazenda se propunha a criar bovinos e chegamos a uma conclusão muito triste. É que era necessário na Região do Cariri, 30 hectares para um boi ganhar peso, o ano inteiro. Em termos de caatinga, nós precisávamos de 30 hectares, para o boi ganhar peso o ano inteiro. E em 15 hectares, ele ganhava peso em um período e perdia em outro. E com a introdução do capim búfel, com 1 hectare e meio, já tínhamos o boi ganhando peso o ano inteiro, mas nós tínhamos aí um problema de formação de pastagem, custo de dinheiro. Estávamos dentro de uma época, acho que os senhores se lembram, que entrando num processo de inflação muito forte e que não tínhamos uma política para o Nordeste, diferenciada e dessa fora, tivemos dificuldade com os pequenos produtores, de trabalhar com capim búfel.

E assim, surgiu a idéia na Fazenda Pendência, de iniciarmos um trabalho com caprinos. Foi na época que estava se instalando o Centro Nacional aqui no Ceará e por que caprinos? Porque era uma região muito rica, onde estava o maior volume de caprinos do nosso Estado e que era um animal que se apresentava com boas condições de adaptações àquelas condições. Bastava ver, que tem a composição florista dos Cariris, o capim aproveitável em torno de 50% a mais do que os bovinos da composição florista. E ficamos num dilema, porque o caprino que tinha na época, que era mais trabalhado, evidentemente, muda de ano o animal para aptidão e nós tivemos opção de trabalhar com caprino leiteiro. Por que com caprino leiteiro?



Também, por conta da inflação. Nós fizemos um custo na época, se você fizesse uma vermifugação em um caprino, levasse esse animal a abater em 6 meses, quer dizer, você corrigia o custo da vermifugação, quando corrigisse o dinheiro, o caprino com 6 meses, não pagava aquele custo. Então por essa razão, nós optamos pelo caprino leiteiro, por entendíamos que nós investíamos nele hoje, mas amanhã ele repunha isso, com leite. E enfrentamos o primeiro problema, mas não tínhamos tradição no consumo de elite, nem na produção. Então, isso criou-se exatamente, um ciclo vicioso, onde quando apresentávamos uma proposta, em banco principalmente, o sujeito apresentava como geração de riqueza o leite, mas não tinha quem comprasse. Isso ficou adormecido durante algum tempo.

E no ano 2000 iniciamos um trabalho, pensando em colocar uma planta de leite em pó na Paraíba. E na verdade, isso era muito audacioso, porque precisávamos ter escala e não tinha praticamente, escala. Mas, iniciamos o trabalho, exatamente, pela organização dos produtores dos Municípios produtores. Isso todo mundo sabe que é uma tarefa muito difícil, porque o nordestino não tem o espírito associativista. Ele apesar de ser muito solidário, muito quente, vamos dizer assim, às relações pessoais, mas na hora do negócio, nós somos muito individualistas. E nós convidávamos exatamente, os produtores das regiões, pra vir participar conosco das reuniões, onde vinham 100 produtores e no fim quando filtrávamos, ficavam 7,8 produtores, que tinham interesse na verdade, de se associar a associação e passaram a produzir. E tinha uma outra questão, que era uma mudança de cultura. A caprinocultura ainda é passível necessita de mudança de transformação nos eu manejo, no consumo dos seus produtos, etc. Então, nós sabemos que essas mudanças de cultura, não era uma coisa fácil. Nos estamos há 500 anos, criando de uma forma extensiva, ultra-extensiva, sem aplicação de nenhuma tecnologia e sem dar o valor devido aqueles animais.

Qual o principal insumo para mudarmos a cultura? O principal insumo é exatamente, a informação. E quando nos voltamos para a extensão rural, a única extensão rural que contávamos no Estado era com a da Emater e que por mais capacidade de trabalho que tivessem os nossos colegas, dificilmente, poderiam dar uma assistência diuturna como precisávamos, pra fazer essa transformação. Por quê? Porque nós tínhamos um técnico para cada 1.500 a 2000 produtores rurais. E precisávamos na verdade, de uma assistência diuturna.

Nesse meio tempo iniciamos esse trabalho, uma coisa muito incipiente, visitando as fazendas, reunindo os produtores, conversando com eles, veio a idéia de se criar o Pacto do Cariri. Então, reunimos a sociedade do Cariri Paraibano, para discutir as questões do Cariri. E o que é o Cariri? O Cariri é a região mais pobre do Estado. Com 60% da sua área geográfica e avançado estado de desertificação, com precipitação média em torno de 300 milímetros, basta dizer, que, um dos Municípios hoje que é mais alvissareiro na questão da caprinocultura, era a Cabaceiras, que foi cogitado a colocação do lixo atômico de Goiás em Cabaceira, porque a população estava indo embora. Nós somos o segundo Estado mais pobre da Federação e a Região do Cariri participava apenas com 3% do PIB da Paraíba. Para vocês terem uma idéia do tamanho da pobreza da região; variando de 36% a 42% de analfabetos distribuídos nos Municípios e nós sabíamos que essa questão do analfabetismo era uma questão muito séria, principalmente, quando queremos fazer a transformação de alguma coisa.

Então, 42% eram exatamente, de analfabetos. E nós sabemos que o analfabeto absoluto era 42%, mas nós temos o analfabeto relativo, que chega quase a totalidade da população. E isso nos indicava a dizer o seguinte: que nós não podíamos fazer a difusão tecnológica, não podíamos levar a mensagem escrita, porque eles lêem e não interpretam, nós tínhamos de estar vizinhos deles mesmo, perto deles mesmo. Foi aí que surgiu a idéia dos agentes de desenvolvimento rural, que acho que vocês aqui também têm, não vou me ater aos detalhes, exatamente por conta do tempo.

Então, vejamos. Envolvemos a sociedade, mas a sociedade mesmo analfabeta, ela é muito sábia. E chegamos a conclusão de que no Cariri, nós tínhamos poucas oportunidades de negócios, mas elas existiam. E pedimos que a sociedade elencasse quais as suas oportunidades de negócios. Ela elencou 7. E elencou a caprinovicultura como a sua principal oportunidade de negócio, isso em todos os 32 Municípios da região. Elegeu também o turismo, culturas alternativas, educação empreendedora, etc. E nos coube exatamente, a tarefa de começar um trabalho efetivamente, com a caprinovicultura. Como a região já tinha um lastro de animais melhorado, porque o Governo da Paraíba, desde o final de 70, já tinha importado animais leiteiros e já tinha distribuído reprodutores, nós tínhamos efetivamente, um lastro muito bom, apesar dele já vir dilapidado, porque iniciou primeiramente, aqui no Rio Grande do Norte, um programa com cabra leiteira e só o Município de Monteiro, naquele ano, se importou aqui para o Rio Grande do Norte, 58 mil cabras. E nós estávamos iniciando, engatinhando com isso. E quando organizamos os produtores, fomos ao Governo, discutir as questões, de como é que poderíamos dar uma estrutura mínima à região, para que ela iniciasse um processo de produção.



E fizemos um acordo tripartite. O que era o acordo tripartite? A Associação de Produtores era responsável pela manutenção e produção do negócio, a Secretaria da Indústria e Comércio fornecia um equipamento simples, de pasteurização lenta, que era um equipamento barato, não temos uma legislação própria dentro do Estado e os Prefeitos Municipais da Região, que entenderam a mensagem, que estavam envolvidos com o Pacto, comesçassem a comprar parte dessa produção. E assim foi feito. Os Prefeitos se propuseram a comprar 100, 150, 200 litros de elite, para colocar na merenda escolar, para as contas Governamentais e nós iniciamos. Então, compramos os primeiros equipamentos, que vieram para os Municípios, eram 5 mini-usinas, lembrando a de Monteiro, para não se tratar das outras 5, somente a de Monteiro, quando foi em julho de 2001, nós trouxemos um técnico de São Paulo, para instalar esse usina e treinar as pessoas que iam ficar processando o leite, para iniciar o trabalho. Pasmem os senhores, que apesar da Paraíba ter o melhor material leiteiro do Nordeste, já vinha trabalhando com isso há 20 anos, no dia em que fomos testar o equipamento, nós testamos com leite de vaca, porque não tinha 1 litro de leite de cabra. Então, nós éramos ricos potencialmente, mas efetivamente, não tínhamos a produção. Então, abrimos a usina, testamos o equipamento com leite de vaca. Mas, mesmo assim nos instalamos, não perdemos a vontade de fazer o trabalho. Instalamos a usina e convocamos os produtores a produzirem e colocar na usina. Daqueles 100 primeiros produtores que participaram da reunião, apenas 7 se dispuseram a colocar o leite na usina. E sempre com aquela história. “Fulano, tu vai botar leite na usina”? “Vou”. “Mas, tu não sabe que Governo não paga a ninguém”? “Não, mas eu gosto aqui do doutor, ele tem feito um trabalho danado, eu vou botar um leitinho lá”. E nós começamos com esses 7 produtores. No primeiro dia eles botaram 170 litros de leite e quando chegou ao final do mês, nós pagamos ao produtor. Já saiu a história. “E aí, pagaram”? “Pagaram, certinho”. 70 centavos por litro de leite, eu recebi naquela época. “É, mas só pagam 1 mês, isso é para enganar vocês. Com certeza, no próximo mês não paga. Vocês não sabem como Governo é”? quando foi no segundo mês, já eram 25 produtores e já não eram mais 170 litros de leite, eram 500 e tantos. E nós não tínhamos mercado, o próprio Município de Monteiro, só comprava 200 litros. E nós tivemos que nos virar para colocar de alguma forma esse leite no mercado, que fosse em forma de licor, em forma de queijo, etc. Quando foi no final do mês, nós estávamos com o dinheiro e pagamos aos produtores. Então, já não eram mais 25, passou para 31 produtores e já não eram mais 500 e poucos litros de leite e sim, 800 e tantos. Aí, estourou a nossa quota, estávamos nos afogando em leite. Então, resolvemos colocar quota, ninguém poderia botar mais do que 100 litros de leite na plataforma. O produtor zangou-se. “Eu não vou aumentar o mais rico”. Saiu e nós continuamos o nosso trabalho. Depois ele voltou porque viu que era uma besteira, por causa de 10, 15 litros de leite que passavam dos 100 entendeu que estava perdendo negócio de 100 litros. Em síntese, hoje Monteiro produz mais de 2.500 litros de leite por dia.

Um programa que iniciou da forma como coloquei, de que não tinha nem 1 litro de leite para testar os equipamentos, hoje estamos produzindo 20 mil litros de leite todos os dias no Estado da Paraíba. É claro que isso é um trabalho que tem que ter perseverança, tem que ter principalmente, unidade e tem que haver por parte dos gestores públicos municipais, o interesse de construir aquilo na sua região. E é uma das coisas que o nosso gestor público hoje no Cariri, tem plena consciência, que a região é tão pobre, que ele não pode se isolar num casulo no seu Município. Ele tem que ver a região como região, não apenas a área geográfica do seu Município. Tem lá um Prefeito que recentemente estive conversando com ele e ele colocava o seguinte: “ Hoje com esse programa de leite, que compramos no Município dele, leite de vaca e leite de cabra, está entrando o outro FPM no meu Município. E antes do programa do leite, nós da Prefeitura, éramos responsáveis pela vida e pela morte. Pela vida, porque quando a criança nascia, era obrigado a dar o enxoval, porque a família não tinha como comprar”. E hoje tem aí um incentivo maior, que tendo menino tem uma bolsa família e de repente, é menino pra danar. E era responsável também, pela morte, porque quando o sujeito morria, era obrigado a dar também o caixão, porque a família não tinha como comprar. E ele me disse: *José Carlos, hoje a dificuldade é exatamente de arranjar pessoas, quando tem alguma obra da Prefeitura, porque todos estão ocupados.*

Pois bem, de repente, chegamos a um patamar de produção, que ultrapassava aquela capacidade do Município, de comprar. E numa dessas reuniões, na época o Governador era José Maranhão, ele esteve presente no Município e nós fomos, as associações, conversar com o Governador e pedir para que o leite de cabra pudesse participar do Programa Beba Leite, do Governo do Estado. E ele em cima da perna, assinou uma autorização, para que nós botássemos 3 mil litros de cabra por dia, achando ele que nós íamos levar 10, ou 15 anos, pra produzir 3 mil litros de leite de cabra. 6 meses depois, ele já não era mais suficiente e estávamos lá batendo na porta, procurando espaço, dentro do programa. E hoje o Programa Fome Zero, que tem em todos os Estados, inclusive, com a participação dos Governos Estaduais, o Estado da Paraíba, hoje compra 120 mil litros de leite, dos quais, nós temos 13.490 litros, exatamente, de leite de cabra que colocamos no programa. Esse programa é extremamente importante, como instrumento indutor, para que



possamos construir tudo isso, porque construir a produção, não temos dificuldade, em caprinos de construir a produção, seja lá aonde for. Agora, o problema está exatamente, em construir o mercado. E você construindo o mercado, com certeza, a produção de constrói em torno desse mercado.

Aproveitando aqui a presença do Deputado, esse Programa do Leite, que hoje ele é apenas um programa ligado ao Programa Fome Zero, seria muito interessante, Deputado, que nós pudéssemos transformá-lo em política pública. Vocês vêem que em todo o Nordeste, os 9 Estados do Nordeste e o Norte do Estado de Minas Gerais, no todo, o programa no todo, ele distribui algo em torno de 800 mil litros de leite por dia e só o Estado de São Paulo, distribui 1 milhão e 200 mil litros de leite. Quer dizer, é coisa muito insignificante, mas extremamente importante, pra o povo nordestino. E por que esse projeto é importante? Porque de um lado ele tem um apelo social que vá tender às famílias carentes, aqueles que estão abaixo do nível de pobreza e muitos deles só têm mesmo, aquele litro de elite, outro ele vai aventurar. Mas, do outro lado ele tem um apelo econômico, que é muito importante. É gerador de emprego, gerador de renda. Hoje nós temos no Programa do Leite da Paraíba, 7 mil e 200 produtores rurais, que estão agregado a esse programa e pelos cálculos que nós temos, em cada unidade de produção, nós estamos gerando 2,2 ocupações diretas, dentro da fazenda.

Então, o senhor veja a dimensão que isso tem, não apenas no aspecto social, mas principalmente, no aspecto econômico. E nós precisamos transformar esse programa realmente, em um programa de Políticas Públicas.

Então, a minha idéia inicial era criar uma certa escala de produção de leite de cabra e com essa escala nós barganharmos mercado e ocupar esse mercado e sair para o mercado aberto. Mas hoje a experiência tem mostrado, que mesmo nós estarmos produzido 13.490 litros para o programa, leite da Paraíba, nós temos mais uns 2 mil e alguma coisa, que colocamos na Conab, para as entidades filantrópicas, para a escola, etc., e mais a produção que colocamos no mercado aberto, hoje estamos fechando a casa de 20 e alguma coisa, mas mesmo assim, nós entendemos que a escala é pequena ainda, para pensarmos numa planta maior. E aí, é a idéia que estamos trazendo para cá, que vamos discutir inclusive, amanhã no Fórum da caprinocultura leiteira, lá em João Pessoa, dentro do Sindicato, vamos discutir exatamente isso, é que num Estado do Nordeste, ele tem condição efetivamente, de produzir em escala suficiente para atender ao País e para atender à necessidade até em nível regional. E nós temos que esquecer as fortunas dos Estados e pensar o Nordeste como um todo, pensar isso aqui como uma grande área de mercado, com grande área potencial de transformar a caprinocultura, principalmente, leiteira, em um grande negócio. Hoje todo o leite que é consumido no País, leite em pó, ele vem da Europa, da Nova Zelândia, vem da Holanda e vazado na Bélgica e distribuído aqui no Brasil, a preço de ouro. Então, a idéia é que pudéssemos construir uma planta de leite em pó e que os Estados de forma unida, construíssem esse negócio e o próprio empresário que hoje importa leite da Europa, ele se dispõe, ele quer comprar leite no Nordeste. Porque para ele é mais econômico e que foge inclusive, dessas variações cambiais, que é um negócio terrível para ele. Mas, uma planta de leite em pó, nós não podemos trabalhar com escala tão pequena.

Uma outra questão, é que nós temos na Paraíba 20 mil litros de leite, mas o mercado precisa de 20 mil, o mercado do próprio Governo, o mercado do leite fluido, que é um mercado muito mais simples de se fazer, porque você produz, processa e distribui ali nas suas usinas. Já era para estarmos com 19.500 litros de leite, porque reservamos no Estado, o Cariri Paraibano e o Curimataú Paraibano, para ser abastecido com leite de cabra, mas como tem uma diferença entre o leite de vaca e o leite de cabra no preço final, que o leite de vaca é 1 real e 15 centavos e o leite de cabra é 1 real e 40 centavos, quer dizer, dá 25 centavos de diferença, nós estamos negociando com o Ministério, porque tem uma repercussão de 1% no total dos valores que temos que transferir para o Estado e eles entenderam, disseram que não tinha recurso este ano e provavelmente, no próximo ano, estará nós presenteando com mais um reajustezinho, em torno de 40 mil reais por mês, exatamente, para que possamos colocar o Curimataú. Então, só dentro do programa Leite da Paraíba, já seriam 19.500 litros de leite fora, o programa de Conab, programa de mercado aberto.

Mas, vejam bem, uma planta para leite em pó, nós precisamos de ter escala. E por mais que a Paraíba venha a produzir, com certeza, ela não terá escala para abastecer um programa, uma planta de leite em pó. E mesmo que tenha, seria insuficiente, pra atender o Mercado Nacional. E que nós estamos até pensando grande, mas pensando justamente, no mercado Internacional, por que não? Os maiores consumidores de leite de caprinos, são a França e a Espanha. E eles têm um problema de sazonalidade, todo mundo sabe disso. As cabras francesas, as cabras espanholas, elas são muito chiques, elas soe entram em cio uma vez por ano, etc., todo mundo sabe disso. Então, em um determinado momento do ano, eles não têm leite. E quem sabe, se nós aqui juntos, não podemos buscar esse nicho de negócio. Esse é um lado da história.



O outro lado da história, é a questão da caprinocultura de corte. Nós temos um mercado fabuloso neste País, todo lugar do País tem déficit de carne de caprinos e ovinos. Passou a ser uma delicatessen, não apenas pelos valores biológicos da carne, mas principalmente, pela falta, porque é uma oferta muito abaixo da demanda. Basta lembrar que 2002, o Brasil importou 774 mil animais com peso vivo de 30 quilos, principalmente, do Paraguai e nós fechamos com uma demanda de não abastecer, da ordem de 1000 toneladas no País. Nós sabemos que o maior rebanho de ovinos e caprinos neste País é a Bahia. Tem algo em torno de 6 milhões de animais, contando de ovinos e de caprinos. Precisa de 50 toneladas de caprinos todo mês e só consegue colocar no mercado, 12.

E aí, nós temos duas tarefas a serem cumpridas. A primeira é aumentar a nossa tacha de desfrute. Com o rebanho que temos hoje no Brasil, nós temos condições de atender no mínimo o Nordeste. O que nós não temos é desfrute do nosso rebanho, que o nosso gira em torno de 4%,5%. Se nós chegarmos a 18%, com certeza, com o mesmo, sem aumentar o efetivo, nós abastecemos o Nordeste.

Mas, nós temos um outro problema muito mais difícil. Hoje eu vejo que é muito mais difícil colocarmos na formalidade a carne, porque a demanda é tão grande e a oferta, com relação a demanda é tão pequena, que dificilmente, nós colocamos um frigorífico em operação. Nós temos hoje no Nordeste, algo em torno de capacidade instalada, para abater em torno de 1.800 animais por dia e nós não trabalhamos nem com 15%. A maioria dos frigoríficos está trabalhando, com capacidade extremamente ociosa, ou estão fechados, por absoluta falta de material para serem abatidos. E isso se deve exatamente, a questão da oferta e da demanda. Nós sabemos que quando levam o produto para a formalidade, você tem custos, tem a *frigorificação*, energia cara, você tem encargos sociais, têm funcionários, tem uma série de exigências, que na informalidade não tem. O sujeito que tem uma corda e uma faca, ele se dá por remunerado com o couro e a buchada e aí ele sai abatendo, botando no mercado e esse sim, pode pagar um pouquinho mais, do que o que está na formalidade. Daí a dificuldade que estamos tendo lá. E é preciso que façamos um trabalho muito forte, principalmente, de conscientização, com os nossos produtores e só fazemos através do associativismo. E no Nordeste, para se criar um associativismo só se cria em torno de negócio que esteja ali ganhando dinheiro, senão, o sujeito não vem para dentro, ele tem que vir laçado e puxado. E dentro disso, criarmos essa consciência dentro do produtor, que é muito melhor para ele e para todos nós, ele está dentro da formalidade, porque tem um falso ganho nisso tudo. Você chega lá nos períodos de festa, principalmente, na Paraíba, período de junho tem festa durante os 30 dias, em Campina Grande, você vai atrás de um cabrito é uma loucura, dá 8, 10 reais a carne. Mas, vá agora nas feiras de lá, na seca, em *Sommer* por exemplo, o sujeito vem com um cabritinho puxando na corda, o cabrito vale 80 reais, ele oferece ao indivíduo e ele diz: "Só dou 40". Oferece a outro, "só dou 40" e ali eles já estão organizados para isso mesmo, quando dá meio dia que ele escuta a camioneta velha buzinando que ele tem que voltar para a fazenda, ele sabe que já pagou a passagem dele, a passagem do cabrito, se não vender o cabrito, não botou dinheiro no bolso e não botando dinheiro no bolso não fez a feira, ela vai pagar a passagem do cabrito de volta, ele entrega pelos 40 reais. Mas, ele só se lembra de que vendeu em junho, mais caro. Então, isso é questão de consciência, nós só criamos, organizando os produtores.

Eu estou me alongando demais, mas na verdade, o que queremos é exatamente isso, é acabar com as fronteiras e trabalhar o Nordeste como uma área de negócio. E como uma área de negócio o Nordeste é fantástico. Nós temos 1 terço da população deste País e 18% da área geográfica, nós temos 50 milhões de pessoas e poucos Países do mundo têm 50 milhões de pessoas O poder aquisitivo do nosso povo está crescendo. Enquanto o País está crescendo na ordem de 3%, 4% ao ano, o Nordeste está crescendo na ordem de 11%. Então, a próxima fronteira agrícola e principalmente pecuária, porque o Nordeste semi-árido não tem vocação agrícola, a fronteira pecuária será o Nordeste, eu não tenho dúvida disso. Vocês estão vendo aí a explosão que está havendo no leite. Por quê? Porque a China não era consumidora era um País pobre. De repente, o povo aumentou o poder aquisitivo, explodiu o consumo de leite, são os maiores produtores do mundo, dobraram a produção todos os anos e levaram 0 anos para atender o mercado, que está aí surgindo no leite. A Nova Zelândia, por exemplo, maior produtora de leite do mundo, não tem mais área para crescer. Está a Austrália, com uma seca desgraçada, daquela, a Argentina, não tem mais espaço para crescer. E nós temos além de mercado fabuloso, 50 milhões de pessoas, são poucos Países do mundo que têm 50 milhões de pessoas; o Nordeste tem 50 milhões de pessoas, o poder aquisitivo aumentando, com certeza. Vamos ter mercado para produzir esses produtos e com uma vantagem, o Sul, Sudeste e Centro-Oeste, está sendo coberto com cana, para a energia renovável. Com certeza, a próxima fronteira do leite, será o Nordeste. Isso não tenho dúvida nenhuma. Agora, é preciso que estejamos preparados, para verdadeiramente, ocupar esse espaço. Agora, precisamos resolver algumas coisas. Não sei se hoje o Ceará já é livre da questão da Aftosa. A Paraíba também, não é. Acho que o Rio Grande do Norte também, não,



Pernambuco, é área de risco. Então, nós precisamos resolver isso, senão, não nos inserimos na economia mundial. Não tem jeito, nós temos que fazer o dever de casa, não tem outra forma.

Então, eu me coloco à disposição dos senhores. Eu tenho um material áudio visual muito bom, que até estive aqui no PEC, que mostra isso detalhadamente, mas é uma conversa muito longa, para irmos aos detalhes. Ele corresponde mais ou menos a duas horas, eu tive apenas meia hora, espero que em linhas gerais, tenha colocado exatamente, o que nós pretendemos, fazer um convite aos senhores, para que possamos juntos construirmos uma caprinocultura regional e tenho certeza, nós vamos ocupar esse espaço. Basta lembrar que a Paraíba, em julho de 2001, não tinha 1 litro de leite para testar os equipamentos, hoje estamos fechando com 6 milhões de litros de leite produzidos. Isso representa a injeção na economia local, de uma região pobre como falei, da ordem de 8 milhões de reais, por ano. E esse eu digo, que é o dinheiro mais democrático que existe, porque ele vai direto pra o produtor e circula dentro do Município, ele vai desde o dízimo da Igreja, até a bicada de cachaça que o sujeito toma, na hora que sai da fazenda.

Então, eu imagino que a caprinocultura tem muito e muito a contribuir com todos nós. Faço um convite aqueles que tiverem oportunidade de nos visitar, na área rural a população estava indo embora. Nós tivemos um crescimento negativo da ordem de 0,18% e hoje esse resultado está na ordem inversa, nós tivemos muita gente que está voltando do sul, pra vir exatamente, tomar conta de um pouquinho de cabra e manter sua família, voltando as raízes, para manter sua família em algum padrão de dignidade. Então, essa atividade, entendo que ela é muito importante, altamente adaptada as nossas condições e com certeza, temos muito a fazer, mas ela tem muito a contribuir com todo mundo. Muito obrigado.

(Aplausos)

SR. COORDENADOR FLÁVIO SABOYA: Aldomário, meus parabéns pelo trabalho desenvolvido por vocês na Paraíba. Mas, antes de iniciarmos as perguntas, gostaria de lhe por a par, sobre alguns fatos.

O Estado do Ceará nos anos 80, iniciou um processo parecido com esse. Naquela ocasião, o Governo do Estado, através da Secretaria da Agricultura e as Associações de Criadores, estava bem entrosada nesse programa, mais ou menos parecido e naquela ocasião, foi adquirido, inclusive, com a participação do Clube do Berro, que nós temos aqui pessoas que compõem o Clube do Berro também, um programa de importação de cabras fêmeas, embriões leiteiros, pra o Estado do Ceará. E a coisa começou a se organizar e já chegávamos naquela ocasião aproximadamente, a 1 mil e poucos litros de leite. Lamentavelmente, deu-se a mudança de Governo, tivemos a descontinuidade administrativa, quando surge o programa do Rio Grande do Norte, com intensidade, com aquela receptividade e a sensibilidade que o Governo do Estado teve, para a caprinocultura leiteira e todas aquelas cabras adquiridas no Estado do Ceará e desenvolvidas com importação, enquanto você falava, eu me recordava ter visitado uma usina de pasteurização na França, recebemos 20 mil litros de leite. Eu imaginava. Será que vamos chegar a isso um dia? E já estou vendo vocês encostando nisso.

Então, o Rio Grande do Norte levou todas as nossas cabras. E hoje, graças a Deus, criamos recentemente, uma associação, dentro do Clube do Berro, a Caprileite, que pretende retomar todo esse processo. Mas, essa decisão política ainda não teve dentro do Estado do Ceará. Além do mais, a Embrapa, que está aqui na Mesa, nós podemos até falar, porque estamos com uma nova administração da Embrapa, também, com a participação da Federação da Agricultura, do Sebrae, num determinado momento, tentou-se Evandro, sensibilizar aquela usina de pasteurização e de leite em pó, que tem uma planta de secagem de leite me pó, se não me engano, para 5 mil litros lá em Sobral, criando-se uma bacia leiteira de caprinocultura, no Município de Sobral, ou nos Municípios circunvizinhos. Naquela ocasião, novamente a Federação da Agricultura, o Senar e o Sebrae, inclusive, chegou a por à disposição uma técnica, que passaria a dar assistência a esses produtores. Mas, faltou naquela ocasião a sensibilidade do Município, na aquisição do produto. Não tínhamos ainda essa visão que hoje temos no Nordeste, em função do programa do leite, dos Municípios se envolverem na aquisição do leite. E mais uma vez, o programa não avançou.

Então, eu gostaria de recordar esses fatos, mas isso é um sonho que todos nós cearenses temos, de levar à frente. Eu acho que essa sua idéia de que temos que ver a coisa como Nordeste, é importante, não pode a caprinocultura aqui sair em determinado momento para o Rio Grande do Norte, porque lá foi dado incentivo, depois foi para a Paraíba e assim, a coisa ser levada. Acho que somos nós produtores que temos que nos organizar mesmo. Tem o Paulo, como você falou, que tem indústria de leite em pó lá no Estado do Rio, que pode efetivamente, já é um sonho dele, tenho conhecimento desse fato. Então, faço essa observação.

Vamos abrir o espaço para perguntas.

Com a palavra Dr. Jorge Prado.



SR. JORGE PRADO : Bom- dia a todos:

Parabenizamos aqui o nosso palestrante Aldomário, que já tive oportunidade de ouvi-lo. Uma pergunta: Sabe-se que, no semi-árido, qualquer atividade pecuária, o custo de produção o seu item mais importante, mais valioso, é a alimentação, em torno de 60%,70%. Então, eu pergunto ao nosso companheiro Aldomário. Qual é o sistema de alimentação desse programa que está sendo transferido para os produtores e qual a importância da palma forrageira na alimentação do ovino e caprino?

SR. COORDENADOR FLÁVIO SABOYA : Com a palavra Trajano.

SR. JOSÉ TRAJANO : Professor Aldomário, parabéns, o senhor falou uma coisa aqui que nós quando ouvimos nos sensibilizamos, que é essa questão do analfabetismo e educação. Sem educação você não vai criar bode, a não ser que seja lá pela Embrapa de Sobral, que lá estão criando bode.

Mas, vamos ao que interessa. Professor, a coisa que mais me sensibilizou nesses últimos 10 anos, foi uma empresa britânica que vai investir 300 mil hectares aqui no Nordeste do Brasil. Está comprando terra, para plantar pinhão manso.

A minha pergunta ao senhor, como técnico. É possível um reflorestamento de pinhão manso, você criar o nosso bode, aonde é que essa agricultura nova, moderna, sofisticada, se é possível. Porque a minha preocupação é a seguinte: Vamos aproveitar o cajueiro velho e ver se essas duas empresas inglesas aproveitam pra plantar pinhão manso.

O meu nome é José Trajano, faço parte de uma ONG, tenho 10 anos aqui neste Fórum, gosto muito de desafio. Mas, o senhor está preparado para representar a ovinocaprinocultura, em qualquer lugar, porque os que vêm aqui, só contam é lorota, história. Está aí o Aníbal, que botou 100 mil reais na mão lá da Embrapa, foi a maior decepção, desfiou aqui todo mundo. Mas, nós não estamos aqui para levantar uma lebre, nós estamos aqui para aprender. É possível um reflorestamento, a entrada do bode no campo do pinhão manso ?

SR. COORDENADOR FLÁVIO SABOYA : Trajano, você me desculpe, mas o nosso companheiro não colocou 100 mil reais na Embrapa. A Embrapa tem uma parceria feita com o Banco do Nordeste, que ainda está em análise. Eu sei que o nosso companheiro quer respostas urgentes, é natural. Mas, não houve esse investimento. Passo a palavra à Embrapa, tendo em vista, que houve uma denúncia séria contra ela, feita por você.

SR. JOSÉ TRAJANO : Por mim não. Foi o Aníbal aqui durante o debate.

SR. COORDENADOR FLÁVIO SABOYA : Então, você tira a sua palavra, não é isso? (Assentimento do Sr. José Trajano). Ok, está retirada.

Com a palavra Rosália Aguiar.

SRA. ROSÁLIA AGUIAR: Só para não perder o costume, Rosália Aguiar engenheira- agrônoma, Coordenadora Nacional do Movimento Nacional para o Desenvolvimento Sustentado e Integrado.

Eu gostaria de fazer algumas perguntas, com respeito aquela questão que você colocou, de opção preferencial pela caprinocultura leiteira, em detrimento da caprinocultura de corte, devido a que não existe viabilidade econômica da de corte, aqui ou ao menos se expressou mal, que corrija, porque as palavras que foram colocadas, foram diretamente, assim e pelo que você disse no final, eu vi que houve uma contradição, talvez foi infeliz na maneira de colocar, porque no final, você deu a expressão de que a caprinocultura de corte, ela é tão viável, que o mercado é muito maior do que a oferta e isso causa uma tranquilidade tão grande para o produtor, que ele faz do jeito que quer, na hora que quer e como quer e a coisa perde a qualidade e perde o mercado também. O mercado Internacional, como tem qualidade, pega aquele mercado.

A outra coisa que gostaria de saber, é quanto ao sistema de extensão rural, ou de extensão tecnológica, de transferência tecnológica, qual é o critério que está sendo adotado, qual é o número de pessoas que vocês utilizaram. Porque eu tenho absoluta convicção que para atingir esse padrão de produção que vocês atingiram, não se trata só de uma questão de mudança de cultura, etc., mas principalmente, de um trabalho efetivo de extensão rural, porque nós não precisamos mudar a cultura, de quem tem cultura de produção de ovino caprino, não é essa a questão. A questão é estruturar aquela cultura de uma maneira mais racional, mais viável, mais econômica. E eu creio que vocês obtiveram esse sucesso e eu gostaria de saber os números de extensionistas, agrônomos, de técnicos, etc., porque todo e qualquer projeto rural do



Ceará, peca por esse ponto. Você ao invés de colocar o quadro adequado com a demanda, você coloca o número estatisticamente, insuficiente da demanda e depois culpa o analfabetismo dos produtores, que vai desde os analfabetos, até os pós doutores, que produzem no campo, ou seja, sem extensão rural, não adianta você ter pós doutorado, nem nada, não vai organizar cadeia produtiva, você não vai organizar nada. Tem que ter um trabalho integrado e organizado.

Então, gostaria que você tocasse bastante nesse ponto e nos desse qual o segredo dele. Muito obrigada.

SR. COORDENADOR FLÁVIO SABOYA : Com a palavra o palestrante, para as respostas.

SR. ALDOMÁRIO RODRIGUES: Jorge, a sua pergunta eu acho extremamente importante, porque na verdade, no Nordeste Semi-Árido, o maior problema para ser enfrentado em qualquer atividade pecuária, é exatamente, a base alimentar. Infelizmente, Brasília, quando tratamos do problema do leite, que tem uma participação do Governo Federal e o Governo Federal entra com 80%, no caso do Estado da Paraíba, 80% do custo total da aquisição do leite, 80% o Governo Federal e 20%, o Governo do Estado, quer dizer, em cada 10 litros de leite que distribui com a população pobre, 8 o Governo Federal é quem paga e 2, quem paga é o Governo do Estado, o que traz uma falsa impressão, de que esses percentuais são muito distintos, quando na verdade, todo custo operacional dentro do Estado pertence ao Governo do Estado, se isso se equivale, o Governo do Estado termina gastando 52%, no custo total do projeto. Mas, por conta disso, Brasília sempre trabalha conosco, numa relação, ao invés de parceria, seria uma relação patronal; diz e nós somos obrigados a cumprir. E nessa área, Brasília tem sido muito perversa conosco. Nós temos lembrado que o custo de produção de leite, ele é muito alto e principalmente, no Nordeste Semi-árido. E Brasília faz uma confusão no apurar de lucro. Ela chega, e diz: Nós compramos água, pagamos leite de cabra lá a 1 real. O produtor cada litro de leite que ele entrega, na plataforma da usina, recebe 1 real pelo leite que entrega. Aí digamos que ele entregue 20 litros de leite por dia, a conta de Brasília faz o seguinte: 20 vezes 30 dias no mês, são 600 reais e diz que o produtor está ganhando 600 reais e não é verdade. O custo de produção é muito alto. A lucratividade do leite gira em torno de 10%. Então, essa confusão entre apurar de lucro, isso tem que ser revisto em Brasília, até porque eles acham que o nordestino está enricando, é tanto que colocou o limite financeiro de 3.500 reais por semestre e até bem pouco tempo, era 2.500 por ano, que cada fornecedor de leite nosso tinha de vender ao Governo, imaginando que na verdade, o nosso fornecedor estava enricando.

Agora, com relação a palma, na verdade, ela tem uma participação muito grande em uma região nossa lá do Estado, onde se comporta muito bem e nós sabemos que a palma, é uma cultura de altitude. Ela quando vem para o sertão com baixa altitude, ela tende a não vegetar muito bem, ela perde muita umidade para o ambiente, ou não vegeta muito bem, ou termina desaparecendo. Nós importamos do México há alguns anos, várias variedades, inclusive, variedades que suportam baixíssima umidade, porque nas áreas de baixa altitude a umidade cai muito no sertão. Então, a palma tem contribuído fortemente, nos Cariris Curimataú da Paraíba. Infelizmente, uma empresa, para eu ser ético não vou citar o nome, mas uma empresa de pesquisa do Nordeste, importou a cochonilha, para fazer um estudo e ver a possibilidade de utilizar o corante natural, que todo mundo compra e a preço de ouro, aqui no Nordeste e terminou vazando a cochonilha para a natureza e que hoje no Cariri, estamos com uma área muito grande devastada, pela cochonilha, no nosso palmar, que era a base principal alimentar do nosso rebanho.

Agora, com relação a saber que tipo de alimentação estamos dando ao nosso rebanho, eu posso falar de linha gerais. Mas, cada unidade de produção tem a sua própria estrutura de produção de alimento. Uma tem uma barragemzinha e naquela barragem consegue fazer uma certa alimentação, principalmente, aproveitando o período de inverno. Lá se tem usado muito a maniçoba para caprinos. Quer dizer, cada unidade de produção tem criado a sua própria estrutura, com o nosso apoio, com orientação nesse sentido, para manter os seus rebanhos alimentados. E hoje muito mais importante do que a própria alimentação, eu digo, é a consciência do produtor, de ter que produzir alimento para seus animais, já que ele pensa em produzir. Não se produz sem produzir alimentos. O produtor nosso pecuarista, antes de ser pecuarista, ele tem que ser um agricultor de forragem no semi-árido. Disso, ninguém tenha dúvida. E essa consciência está permeando lá.

Eu acho que os senhores já sabem, aqueles que têm oportunidade de nos visitar, nos visitem, vão ver lá côm as coisas estão acontecendo, o que serve inclusive, para uma orientação visual para que vocês possam importar isso para cá. Não precisa mais ninguém inventar a roda, a roda está aí, vamos copiar aquilo que está dando certo.



Trajano, inclusive, sou Trajano também. Sou Aldomário Trajano Rodrigues. Agora, quando for para a parte de reestudo, não tem mãe, só tem pai, foi tirado o Trajano da minha mãe, mas sou Trajano também. Então, veja bem, essa questão do pinhão manso, era aquilo que eu me reportava. O País hoje está sendo um dos vistos como o País da energia renovável; é a questão do biodiesel, é a questão do álcool. O nosso Presidente está viajando o mundo inteiro vendendo o álcool, o próprio Estados Unidos o maior consumidor do planeta, está se dispondo a comprar a nossa produção. E eu vejo com muito bons olhos essa questão do mundo está voltado para o Brasil, principalmente, para o Nordeste, vindo investidores do mundo inteiro, investir aqui. E não só em agriculturas rurais. Somente em Pernambuco hoje, já está colocando 3 plantas para a produção de leite. E esse pessoal não dá murro em ponta de faca, ele sabe exatamente, o que está fazendo. É a Parmalat, Perdigão e uma outra, que não estou lembrado, está colocando essas 3 plantas em Pernambuco, para processar leite e esse pessoal não dá murro em ponta de faca, côm falei, porque o Nordeste é a bola da vez, nós temos que entender isso. E temos que nos preparar para produzir e ganhar dinheiro. Porque como eu dizia, a China, explodiu aí o consumo de leite e é o País que tem a área geográfica muito mais passível de ser utilizada no mundo pra isso, é o Brasil, disso não temos dúvida. E com certeza, o Nordeste terá o seu quinhão nesse negócio.

Mas, com relação ao pinhão manso não sei, não tenho nenhuma experiência com o pinhão manso. Eu entendo que o caprino pode pastejar dentro dos vários trabalhos do reflorestamento, agora não sei se o pinhão manso suporta a presença do caprino, até porque nós temos ouvido falar. O caprino é muito depredador, provocador de deserto. Nós sabemos que é um animal que está muito bem adaptado às condições, está muito bem equipado tanto fisiologicamente, quanto anatomicamente para tirar o sustento da natureza e se nós produtores, não soubermos fazer uma modificação no suporte de adaptação, qualquer animal do mundo é um depredador. Quem é que não se lembra da história da Austrália, com a questão do coelho, que quase acabava com a Austrália? Quem é que não se lembra da história de algumas ilhas aqui mesmo, no Litoral Brasileiro, que acabou com as cobras e quase que os ratos acabaram com as ilhas? Isso é em qualquer sistema de produção, que é preciso que se saiba quantificar o suporte de adaptação, principalmente, para o animal ficar bem equipado para suportar as condições.

A colega Rosália, se eu não me fiz entender, peço desculpas. Na verdade, o que quis dizer foi o seguinte: é que, a caprinocultura leiteira, num primeiro entendimento, era um nicho mais difícil de ser trabalhado, porque não tínhamos estrutura para o consumo do subproduto leite de cabra. A nossa cultura, a colonização do Nordeste, ela foi feita a casco de boi, aonde as boiadas iam na frente e era a atividade do fazendeiro, do coronel e no corpo da boiada vinha o caprino, que era o produto do pobre, o produto do escravo. Desde então, o sujeito só se sente pecuarista, se ele for dono de boi. Então, na verdade, a caprinocultura tem uma cultura tradicional, de 500 anos, onde as pessoas chamam o caprino, a vaca do pobre e quem consome o caprino é pobre. E hoje o fato é exatamente, o nicho. E eu alcancei isso, como você alcançou também, ainda no tempo da Amazônia Embrapa aqui e nós íamos a um banco, se apresentássemos caprinos como garantia do empréstimo que íamos levantar, com certeza, não levantávamos tanto assim e se chegássemos lá com 20 vacas, que não davam leite nenhum, levantávamos um valor muito alto. Tudo por causa da nossa cultura.

Agora, quando falo que esse nicho era mais difícil de trabalhar, era por isso. E para o corte era muito mais fácil de se trabalhar, pelo menos no nosso entendimento. É por causa da cultura se comer carne de bode. Nós sabemos que a demanda é muito maior do que a oferta. Mas, o que eu queria chamar atenção, Rosália, é que na verdade, trazer o produtor, trazer a produção para a formalidade, que é o sentido de qualquer negócio. Ele passa e transpassa por essa situação, onde é preciso que primeiro criemos a consciência do produtor. Isso também, é uma mudança de cultura. Então, eu digo, mudança de cultura, não estou falando na cultura da formação educacional do indivíduo, não, é naquilo que ele traz de gerações e gerações.

Tem uma questão aí, que a Paraíba está preocupada e essa região como falei, quando ela elegeu as suas oportunidades de negócio, elegeu inclusive, a educação empreendedora, para oportunidade de negócios. E elegeu pelo seguinte: A nossa educação formal, ele se inspira naqueles católicos da Espanha, já que estávamos falando em Espanha hoje, quem foram os católicos da Espanha, onde começa o Reino unido, onde termina, quais os outros Países. Mas, quando você vaia trás de saber o que na verdade, está nos eu ciclo de conhecimento, ninguém sabe de nada. Você chega por exemplo, em Monteiro, como cheguei um dia desses e perguntei a uma criança onde nasce o Reino Unido, ele sabe, sabe quais são os Países que ele atravessa, E eu perguntei: e o Rio Paraíba? Ele disse: "Não sei". Ele nasce dentro do Monteiro. Eu vi produtor com 1 litro de veneno debaixo do braço, para pulverizar lagartas, procurou o agrônomo e não achou. Na outra semana, eu procurei saber dele. Como é você falou com o agrônomo, conseguiu resolver a sua situação? Ele disse: "Não, eu mesmo resolvi". A verdade é que, nós não damos valor ao que é nosso, a



nossa grade curricular está voltada para um conhecimento, que na maioria das vezes, não nos interessa e aquilo que é nosso estão deixando à margem. Por exemplo, na hora em que você aprendeu fração, tenho certeza, que a professor não chegou para você e disse: "Rosália pegue uma maçã e divida ela em 4, 25% é 1 quarto daquilo". Ninguém falou na manga, ninguém falou no umbu, são coisas que perdem a nossa auto-estima. E não tem nada mais importante, para que busquemos o nosso interesse, quando temos auto-estima e amor pelo que é nosso. E o amor ele se constrói no berço, não tem outra forma. Esse amor imputado, ele nos trai com muita facilidade.

A situação da assistência técnica, quando eu falava em mudança de cultura, é o princípio que chega a informação, não tem outra forma. Como é que você vai lidar com uma coisa que você não conhece?

Vou contar aqui uma história que aconteceu. Eu fui Chefe da Fazenda Experimental lá e importamos uns animais, contra tudo e contra todos, trouxemos, botamos dentro da fazenda, começamos um trabalho e o primeiro trabalho de controle fomos fazer na Fazenda Independência, fazenda experimental, que é obrigação de chamar os nossos manejadores e ensinar a eles, como é que se leva um leite de qualidade, porque até hoje o Nordeste sofre, porque a nossa produção tem baixa qualidade. Lavar as mãos, a parte de higiene, cortar as unhas, lavar o peito das cabras, etc. para não me estender muito, depois de uma hora de conversar com os manejadores, voltei para o escritório e com pouco tempo depois, chegou o meu auxiliar e disse: "Doutor, o senhor perdeu o seu tempo". Eu perguntei: Por quê? Ele disse que o Edmilson, que era o manejador chefe disse: "Não, isso é conversa do doutor. Eu não vou lavar as minhas mãos, para pegar em teta de cabra". Quer dizer, está na cultura dele e é preciso chegar as informações e dizer o que é importante, porque senão, ele não muda. E para isso, nós precisamos de assistência diuturna. E sem a extensão rural, nós sabemos que isso não é possível. Daí que surgiu a idéia dos ADRs. A idéia dos ADRs é muito simples, surgiu da idéia dos gentes de saúde, inclusive, quando nós iniciamos foi com os agentes de saúde, mesmo contra a Secretaria de Saúde. E hoje nós temos 1 ADR, para cada 20 produtores rurais. Ele tem que está presente dentro da fazenda, diuturnamente, levando a informação, trazendo a informação. Não queremos transformá-lo num agrônomo ou em um veterinário, mas nós queremos que ele seja um sargento do nosso exército, aquele sentinela que está mais avançado, que vai levar a informação que nós queremos que chegue e que traga da fazenda as informações que queremos que nos traga. Então, é isso. Não sei se lhe respondi.

Eu acho que não me fiz entender. Nós temos hoje 1 bovino para cada brasileiro. Se você quiser carne de boi, você tem um celular aqui, você telefona e diz: me mande 50 toneladas de filé, no outro dia, ele está aqui. Agora eu lhe pergunto: Se você precisar de um container de carne de caprino, onde é que você vai buscar? Não tem produção, mas têm animais. Eu fiz os cálculos, na Paraíba se abate 1000 caprinos por dia e não conseguimos botar uma planta, para abater 100. Por quê? Porque vai para a informalidade. Por que está na informalidade? Porque não tem oferta. A oferta está muito abaixo da demanda. Não é o caso do bovino. O bovino tem uma oferta quantitativa superior a demanda. Talvez eu não esteja me fazendo entender, por conta disso. É a informalidade que tem prejudicado o desenvolvimento das plantas industriais. E essa informalidade é prejudicial ao nosso negócio, porque ela é sazonal. Ela paga de forma diferenciada em determinado período do ano, chegando ao ponto de, no momento mais crítico do ano, ela ser perversa com quem produz. Essa é a nossa preocupação. E aqui não estou defendendo plantas industriais não, e as industriais também, por que não? Nós temos que fazer negócio tanto de um lado, como do outro, temos que ganhar dinheiro com ele. Mas, estou falando inclusive, de uma planta que é dos produtores, que é o nosso caso lá em Monteiro. Nós estamos dentro de uma melhor área do mercado deste País, que é o Cariri Paraibano, que nós temos 21 cabeças por quilômetro quadrado de caprino, mais 17 cabeças por quilômetros quadrados de ovinos. Então, vocês vejam que há uma densidade muito forte numa determinada região então conseguimos abastecer os frigoríficos. Então, essas coisas devem ser pensadas.

Vocês vêem que essa nossa conversa, eu acredito, que tanto me serve para abrir uma visão, como também, deve estar servindo pra vocês, para também parar e pensar um pouco que as coisas não sejam muito linear. As coisas não são muito linear. Quando alguém disser a você que as coisas são muito fáceis, é porque ele não conhece, na realidade.

SR. COORDENADOR FLÁVIO SABOYA : Dr. Aldomário, nós temos ainda 6 pessoas inscritas. Eu passarei a palavra ao nosso Deputado Hermínio Resende.

SR. DEPUTADO HERMÍNIO RESENDE: Eu queria parabenizar ao Aldomário, por essa brilhante explanação. As minhas dúvidas, quase todas já foram tiradas. Sobre alimentação do rebanho, mas fiquei com uma e queria por gentileza, que você pudesse tirar. Nós sabemos e em todas as rodas que conversamos, que tudo que produz se vende. E você acabou de dizer eu a informalidade, é um dos fatores que contribui para não abastecer os frigoríficos. Aqui em Quixadá nós temos um, com uma bela instalação e infelizmente, também,



ocioso. Eu entendo que falta fiscalização dos Prefeitos. Se houvesse uma parceria maior, com certeza, essa informalidade diminuiria.

Agora a minha pergunta: E média lá na Paraíba, qual é o rebanho, para que esse negócio se torne viável. Cada fazenda, qual é a média de quantas cabeças, tanto a parte leiteira, quanto de corte, qual seria o ideal para se tornar uma atividade economicamente possível?

SR. COORDENADOR FLÁVIO SABOYA : Com a palavra Evandro, da Embrapa.

SR. EVANDRO HOLANDA: Aldomário, parabéns. Nós como sempre, temos provocado trazer você aqui, por causa da experiência e sobretudo, do dinamismo que você tem posto naquela atividade na região. E amanhã vamos estar lá, debatendo o que podemos fazer. Apenas um dado sobre o custo de produção. Nós temos um trabalho lá com o pessoal da Paraíba, está sendo uma tese de doutorado, e o retorno tem sido de 6 centavos por litro de leite, retorno líquido. Então, daria na realidade, 60 reais. O que temos simulado, em termos do Rio Grande do Norte, dá 2 salários mínimos de sobra, para o produtor, com 26 cabras em lactação, daria 1 salário mínimo. Para mim, na minha impressão, o produtor tem outras rendas. Uma renda muito melhor, do que ele está tendo se tivesse recebendo, s em trabalhar.

Então, eu gostaria Aldomário, que você detalhasse um pouco a questão de como foi o programa do ponto de vista... Eu me lembro que tinha um programa de inseminação... Eu acredito que não tenha um programa de inseminação artificial e esse programa da saúde dos animais e do programa sobre a questão da ordenha, que tem todo um problema de ordenha, de higiene, etc., uma coisa muito simples, mas do ponto de vista prático. E eu gostaria de pedir licença.

Eu também tenho uma questão. Nós fazendo uma simulação simples aqui no Ceará, se nós conseguirmos, o que já é conseguido em termos de produtividade, nos Inhamuns, 170 produtores, que eles são trabalhados pelo Sebrae, Centec e Embrapa e outras instituições, se nós pegarmos a produtividade desses produtores e colocássemos como média do Estado do Ceará, nós conseguiríamos dobrar o número de animais com capacidade de abate, apenas reduzindo a mortalidade e apenas aumentando a eficiência reprodutiva, sem ter necessidade de mais nada. E isso, só precisa comida. Eu acho que o primeiro passo de um programa desse, é o programa fome zero dos animais, que inclui água dentro desse bolo.

Agora eu pediria licença, é uma coisa que vem sempre se repetindo, eu acho que precisa de um esclarecimento.

A primeira questão é sobre um projeto que o Dr. Trajano falou. Foram liberados 40 mil reais pelo Banco do Nordeste, para uma Fundação chamada Fagro, que está localizada no distrito Federal. Essa fundação, no ano foi fechada, não existe mais e foi liberado para a Embrapa 12 mil reais dos 40 mil reais e eu não sei o que é que o Banco do Nordeste fez, porque o contrato é feito diretamente, com o Banco do Nordeste. O dinheiro foi liberado no dia 6 de janeiro de 2006. Nós tínhamos planos até janeiro de 2008, para entregar o relatório final do projeto. Na semana atrasada foram abatidos os últimos animais de análise desse projeto e o Dr. Aldomário sabe da dificuldade de pegar uma planta fazer uma imunização, não deu certo a primeira imunização, foi feita novamente, foram enviadas amostras até para especialistas fora do Estado do Ceará, para analisar o que acontecia, está envolvendo a Universidade Federal do Ceará, para ser desenvolvida uma dissertação de mestrado de um aluno da Universidade, Vale do Acaraú, têm especialistas de várias Universidades. E eu gostaria de deixar claro uma coisa. O projeto está dentro do cronograma, nós botamos dinheiro da própria Embrapa, porque não teve a liberação do dinheiro da Fagro, dos 40 mil reais, porque ela foi fechada e o dinheiro que foi passado para a Embrapa foram os 12 mil reais e o projeto está dentro do cronograma. Então, qualquer coisa a mais que tenha sido esclarecido, os contratos estão à disposição, porque a Embrapa é uma empresa pública e que presta, préa, principalmente nesta administração da Dra. Maria Pinheiro, pela seriedade e transparência da coisa pública e dizer mais, o esforço que tem sido feito por essa unidade da Embrapa, para alavancar a caprinovinocultura no Ceará, não é justo que se diga o contrário. Porque eu sou de outra unidade da Embrapa, aliás fui de outra unidade da Embrapa, trabalhei 4 anos e meio em Petrolina e fora do Estado do Ceará. Recentemente houve uma Audiência Pública, onde uma empresária de grande porte lá no Paraná, Dra. Júlia, simplesmente chegou e disse que tudo que ela fazia, que ela estava pensando exportar para a Bélgica, dependia do que a Embrapa tinha feito.

Então, eu gostaria de esclarecer isso, como respeito e transparência a coisa pública. E dinheiro, foram os 40 mil reais, nós usamos só 12, porque só foram liberados esses 12 e o projeto está sendo concluído dentro do prazo e com todas as metas cumpridas. Quem quiser auditar, pode ir procurar, na Embrapa.



SR. COORDENADOR FLÁVIO SABOYA : Vamos com calma agora, porque o Aníbal vai ter o espaço dele para falar.

Minha sugestão é que, não vamos polemizar esse assunto, porque vai expor, tanto uma instituição, a Embrapa, como o próprio empresário interessado no assunto. Isso não constrói nada para nós. O empresário tem a sua necessidade da resposta imediata, o que é lógico, o que é óbvio, e a Embrapa tem as suas condições e instituições técnicas e científicas, que não pode dar os resultados, sem ter as bases conclusivas do trabalho. Então, a minha sugestão é que não seja polemizado esse assunto.

Com a palavra Ferrer.

SR. FRANCISCO FÉRRER : Dr. Aldomário, cumprimento o meu amigo, que conheço dos trabalhos desde 1.987, trabalhei na Paraíba, estudei na Paraíba e tive oportunidade de passar lá, quando ele era Vice Diretor. Eu fui fazer uma supervisão na Embrapa, com o Presidente da Inmetro, Dr. Paulo Miranda Leite e dormindo lá em Pendência, bateu uma chuva lá e no outro dia, ele queria me amarrar para ficar preso lá e chover todo dia. Mas, a verdade, esse trabalho do Dr. Aldomário, na época eu tinha ido assistir um desempenho leiteiro, se não me engano e já existia um trabalho. Então, veja bem, essa luta, isso aqui vem até comprovar o resultado de pesquisa, o que é importante para a região. Há 20 e tantos anos, ele vinham trabalhando e desses últimos anos para cá, é que realmente, o Estado comprou uma equipe científica, através de um programa de ação do Estado. Eu diria, a região comprou esses dados, eu acho que deve ter muita importância, para o que está sendo feito hoje, na Paraíba.

Mas aí, Aldomário, eu lhe faria um questionamento. Você falou muito bem aqui da cadeia produtiva do leite, ou seja, indo até uma possível industrialização, para obtenção de leite em pó, mas você não falou de outros derivados lacto do leite, como o queijo, etc., que foi um assunto até tratado na Audiência da Embrapa, recém- realizada na Assembléia com a Presidência aqui do nosso amigo, Deputado Hermínio. Falou também, pouca coisa, sobre a industrialização da carne, que isso está tudo num complexo. E daí também, eu sei que você não falou na industrialização da pele, que eu também conheço uns trabalhos lá, também ministrados por você, exposto por você na Federação da Agricultura de Pernambuco, que participei em determinado momento, da minha vida.

Então, eu perguntaria: Hoje o principal cliente do leite da Paraíba, é o Governo. Se o Governo sir, nós estamos com toda uma cadeia prejudicada. Essa alternativa da industrialização do leite, pra mim, seria um caminho, para que você, em o Governo saindo do processo e acho que não devia sair, mas poderá sair, você ter uma oportunidade, para que essa cadeia, essa estrutura que vocês montaram.

Outra, como é que tem sido o comportamento dos empresários e também, da organização do leite, naquela outra parte de Tapelara, Cabaceiras, na produção e industrialização da pele.

SR. COORDENADOR FLÁVIO SABOYA : Com a palavra Aldomário.

SR. ALDOMÁRIO RODRIGUES : Deputado, uma das questões mais perversas que tem no semi-árido, é exatamente, a questão das pequenas propriedades. Se fala muito em Reforma Agrária e uma Reforma Agrária, por pura divisão de terras, imaginando que o Nordeste ainda é um celeiro de grandes propriedades, de grandes latifúndios. E nós sabemos que a questão fundiária do Nordeste, é muito séria. Nós temos que, 90% da área geográfica do semi-árido, têm propriedades iguais, ou inferior a 100 hectares. E principalmente em regiões como os semi-áridos com processo mais avançado de desertificação, como é o caso do Estado da Paraíba, onde se fala que na Região de São João do Cariri, por exemplo, que um módulo rural, gira em torno de 60 hectares. Então, eu acho que é uma questão que temos que retomar, tomar isso na rédea essa discussão, porque quando ela é feita em nível de grandes cúpulas ou de quem incide no País, ele faz uma leitura em cima dos hectares. Agora, 1 hectare na Região Brejeira, que chove 2 mil milímetros por ano, quando a distribuição é durante o ano inteiro, ela é diferente de 1 hectare, que está em São João do Cariri, que chove 300 milímetros, quando chove e que as estatísticas mostram que em cada 10 anos, você tem chuva capaz de produzir apenas dois. Então temos um problema muito perverso, que é essa questão fundiária no semi-árido e mais perverso ainda, é que nós temos o semi-árido mais populoso do mundo, com atividade econômica ainda voltada para a atividade agropecuária. E nós temos o quê? O mundo civilizado, a atividade agrícola dentro das porteiras da fazenda, gira, mas gera mais ou menos, 10% do PIB. Mas, só têm 3% da população economicamente ativa, dependendo dessa atividade. Então, gera uma riqueza de 10% do PIB, com 3% da sociedade.

No caso do Nordeste, e em 1.970, a atividade agropastoril, participava com 44% do PIB regional. Já agora em 1999, só participava com 6,6%. Vocês vejam o quando caiu. E a população economicamente ativa, gira em torno de 50%, 41% das pessoas que vivem no Nordeste, dependem da atividade agropastoril.



Então, o senhor veja como isso é perverso e muitas vezes, nós queremos comparar a situação do Nordeste Brasileiro e às vezes, debitar no seu povo, dizer que é preguiçoso, é burro, sem levar em consideração, principalmente, esses fatores. Você diz: Não, mas o semi-árido da Califórnia é rico; o semi-árido da Argentina, o Charque seco de lá, não tem o nível de miséria que tem aqui. Mas, precisa levar isso em consideração. O Charque seco da Argentina, é 5 vezes menor do que a área geográfica do que a área geográfica do Nordeste semi-árido e tem uma população 50 vezes menor, onde o Governo diz, que a propriedade não pode ser com 1 módulo. Colocou um modelo de exploração atual, que 1 módulo não pode ser menor do que 500 hectares. E a economia de lá, passa pela economia daqui, pelo boi zebu, pela cabra, pelo capim búfel, pela algaroba, é a mesma coisa. Mas, a propriedade não pode ser menor do que 500 hectares, porque senão, não ai dar rentabilidade que mantém uma família com dignidade. Aqui nós temos em torno de 40% das propriedades do semi-árido, um *vigileiro* em torno de 20 hectares Isso é a sepultura com esse modelo atual. Só tem um jeito de mudar isso, é com gestão tecnológica.

É preciso ter uma política diferenciada para o Nordeste. Nós não podemos arcar com esses juros, para que possamos efetivamente, mudar, transformar as nossas unidades de produção.

Aquela história que eu falava do búfel, eu fiz umas contas, quando nós saíamos da caatinga para o capim búfel, logo no início da minha carreira, você tinha um ganho de 900% pelo lado de área. Precisa de estatística, para dizer que isso é altamente representativo, não precisa. Mas, quando ia para a economia, não fechava, porque nessa área mais estreita, que era de 7 e meio hectares, eu ainda me lembro os números, reproduzi 6.666 quilos de bovino em pé, 50% de carcaça, 3 mil 333 quilos, desde a época que era 40 cruzeiros o preço da carne de boi, que dava um valor X. Mas, quando você calculava os custos de implantação da pastagem, com 3 anos depois, era que você ia tirar o capital que tinha começado a empatar e sem contar nem juro, nem correção monetária, que nós sabemos que neste País, sempre foi extorsivo para o Nordeste. Então, por isso que o banco não se estabeleceu, o que era uma tecnologia extremamente importante, para que tivéssemos pelo menos uma pecuária, seno forte, mas pelo menos, perversa, a pecuária de grande porte.

Então Deputado, na verdade, não sabemos dizer o tamanho de uma propriedade que seja viável, para determinadas condições. Porque às vezes uma propriedade vizinha de cerca, ela tem diferenças, na cabeça de quem é dono dela, de como utilizar a terra. Segundo só precisa de uma máquina agrícola, um equipamento agrícola, se eu não tiver, eu não faço a minha produção a tempo e a hora e o senhor não faz a sua. Então, é difícil dizermos. Um módulo rural desse tamanho seria o ideal. Agora, eu acredito o seguinte: Para o nosso modelo de exploração, uma propriedade que tenha, pelo menos no Cariri Paraibano, que tenha área inferior a 200 hectares, dificilmente, você mantém uma família, dentro do modelo atual, sem injeção tecnológica. Com injeção tecnológica, com certeza, com uma área muito pequena, nós conseguimos transformar. Mas, com o modelo do uso da terra atual, uma propriedade não deve ser menor do que 200 hectares. Pelo menos, lá para a nossa região.

Evandro, meu colega pesquisador, essa questão da renda do produtor. É isso mesmo, a renda gira aí em torno de 10% mesmo quando fazemos o custo de produção. Por que o nosso produtor escapa? É porque quando fazemos os custos de produção, nós não injetamos ali todos os custos. Quer dizer, a forragem que ele come, a mão-de-obra que ele põe. E na hora em que trabalhamos pra o pequeno produtor rural, na hora em que ele apurou a mão-de-obra dele, apurou os insumos dele, o lucro dele aumenta. Quer dizer, é 6% mesmo o lucro dele, já pago a mão-de-obra, os insumos que ele tem. Mas, na hora em que você não faz essa conta, no caso da palma, não conta o valor dela, mas ela está embutida aqui dentro. Então, não é só 6%, nós entendemos isso. 5 centavos vai dá o quê? Vai dar mais ou menos isso mesmo. Então, esse lucro na cabeça do produtor, ele é muito maior, por isso. Ali está embutido a mão-de-obra, o preço do animal, os insumos, então ele se sente confortável, apesar de teoricamente, ou realmente, o lucro dele é esse mesmo, 6%. Ele se sente confortável, porque apura nesses produtos.

A questão da ordenha higiênica, que é outra proposta que vamos ter que fazer, que é uma realização própria pra caprinos. Nós vamos ter que criar. Na hora em que nós tornarmos o Nordeste, como a nossa área de negócio, esquecendo fronteiras Estaduais, o Nordeste é a nossa área de negócio, nós vamos ter que criar uma legislação para caprinos e ovinos. Aliás, é uma legislação própria. Por exemplo, todo pesquisador que vai fazer estudo nosso do nosso leite, termina dizendo que o nosso leite não presta. Por quê? Porque as relações que têm, elas são com o leite de vaca. Se você pegar a CMT, por exemplo, que é aonde você testa mastite, se não fizer um CMT contada, vai dar uma reação positiva, porque a composição química e microbiológica do nosso leite, é diferente, mas as tabelas que nós temos internacional, é de bovino. Quanto é que é aceitável de célula somática no nosso leite de cabra? Não sei, ninguém sabe. Nós sabemos para o bovino. Quantas colônias podemos ter no leite de cabra? Não sei. E olha que há 30 anos que mexo com leite de cabra, mas ainda não encontrei na literatura. Agora, do bovino, nós sabemos. A



própria normativo de 51 está aí dizendo quanto é que vai ter que ter de micro- organismos no leite, para poder selecionar, etc. Se aquilo for aplicado pra caprino, com certeza, não vi dar certo. Nós temos que criar uma legislação própria, é a primeira coisa. Eu acho até que os Estados têm que ter uma legislação também Estadual, para sua vida. Na Paraíba isso só aconteceu com o leite, porque tínhamos uma legislação própria, que nos permitiu fazer pasteurização lenta., para iniciar o nosso processo. Porque com 100 litros de leite, não poderíamos nos dar ao luxo de construir uma usina de pasteurização rápida, teríamos que começar com pasteurização lenta.

Isso é uma outra coisa Evandro, que temos que ter na cabeça, para discutirmos. Eu acho que cabe discutirmos isso, dentro do Centro Nacional, até porque você teria talvez, a responsabilidade de fazer esse trabalho.

SR. EVANDRO HOLANDA: Teria que ser feito por uma Comissão Técnica do Ministério da Agricultura, que no caso, até para levantar. Porque nós temos levantado lá na Bacia do Rio de Janeiro e você tem que fazer uma fórmula para transformar, do que seria aquela conta para leite bovino, do que seria para caprino. Mas, você tem um problema, porque o leite do bovino está na glândula e no caprino está na cisterna. Então, normalmente, dá mais alto, mesmo, porque vai estar saindo com muito mais células, que na realidade, é natural.

SR. ALDOMÁRIO RODRIGUES : O problema é que teria que levantar, porque quando muda de raça, muda outras coisas, tem que fazer isso.

Meu prezado Férrer, os derivados do leite, você veja o seguinte: Quando encontramos facilidade e vamos embora naquela facilidade, como nós estamos tendo facilidade no leite fluido, estamos esquecendo um pouco essas questões, mas quem esqueceu fui eu, o nosso povo lá, não esqueceu. Nós estamos fazendo alguns produtos diferenciados, estamos entrando nesse nicho agora, porque é muito mais fácil. O produtor produz, enquanto a produção estava de acordo. É aquela história de oferta e demanda. Enquanto tínhamos a demanda compatível com a produção estava todo mundo tranqüilo, pegando o seu leitinho, jogando lá no programa do Governo. Então, é a lei do menor esforço. Agora, nós estamos com excedente pequeno, mas estamos e já estamos trabalhando em derivados.

Quem foi à Paraíba deve ter consumido nesses eventos, um queijo com uma boa qualidade, inclusive, um francês nos visitou há poucos dias e são essas coisas que nos impulsionam. Eu digo sempre o seguinte: O salário que eu ganho, serve para alimentar a mim e a minha família, mas quem alimenta a minha alma, alimenta a minha vontade de continuar trabalhando, é exatamente, o reconhecimento. Eu acho que isso acontece com todo mundo. E o francês que nos visitou, disse que já havia visitado muitos Países do mundo e tinha o hábito de aumentar algum País, consumir alguma delicatessen regional, hábito dele. E que nunca tinha visto um produto com tantas qualidade, quanto aquele que estava sendo feito ali no Cariri, principalmente, queijo de cabra. Porque ele comeu um queijo de leite de cabra, inclusive, com algumas essências, como cumaru, etc., essências de lá mesmo.

Nós estamos fazendo um licor muito bom de leite de cabra, que São Paulo está querendo comprar, já em escala. E agora, com o programa da Conab, nós vamos fazer outros produtos, como: Cocada, doce de leite, já fazemos iogurte e vamos colocando no mercado.

Agora, você tem toda razão em dizer o seguinte: É que nós temos que ter em mente, porque o programa de Governo é apenas um instrumento indutor. Nós não podemos pegar todos os ovos e botar numa cesta só, isso nós temos consciência. Agora, entendo que para barganharmos mercado, passa por essa planta de leite em pó, porque ainda o consumo desses produtos, ele entra como delicatessen e não esta na nossa cultura, está entrando muito devagar. Você não teria como colocar hoje, digamos, 10 mil litros de leite todo dia, produzindo queijo, você tendo que botar o seu queijo, nós não temos isso ainda. Esse é um processo ainda lento. Agora a parte de campo, acho que é mais fácil, ela já está praticamente feira. Se aparecer demanda, aparece produção. Nós com o leite de cabra, somos diferentes de outros mercados. Você primeiro cria o mercado e constrói a produção de acordo com aquele mercado. Você tem que criar o mercado. E isso eu aprendi com um matuto lá em Zabelê. Ele disse para mim e foi uma das melhores aulas que recebi na vida. "Doutor, produzir e não ter a quem vender, é melhor não produzir". E é verdade, você quando você produz tem custo e esse custo no mínimo, você tem que ir buscá-lo. Então, como nós normalmente, não temos muito mercado de cabra, primeiro temos que criar o mercado, para depois criar a produção, em torno disso. É isso mais ou menos, o que está nos conduzindo.

A questão da industrialização da carne, é aquela história de alguns produtos. Não sei se você já ouviu falar no Mac Bode, que o pessoal da Paraíba andou fazendo, tem até um problema lá com a Mac Donald, já têm alguns embutidos, uma indústria pequena ainda, mas já estamos pensando nos embutidos, mas nós



perpassamos por aquela questão da oferta, que está inferior a demanda e quando nós vamos para a formalidade, tem esse problema. E a pele, é uma questão que precisamos trabalhar. Eu acho que o produto mais nobre que tem no caprino, é a pele. Se nós pudéssemos tirar a pele do animal e soltar ele no campo, era uma beleza. Agora, o problema é que essa remuneração, não chega pra nós, só remunera a indústria. Hoje a pele, ela não passa de 10% do valor total do animal. Então, o nenhum produtor está preocupado em produzir pele com qualidade, apesar dos nossos caprinos terem pele de altíssima qualidade, mas o nosso produtor não está preocupado, porque não se remunera por isso. Eu me lembro que lá em *Sommer* se colocou um curtume, o sujeito passou a comprar a pele era 3, 4 reais, o sujeito passou a comprar a 10, 11 reais. Ai as grandes indústrias mandaram representantes para lá, para comprar a 15, 16, 17, a qualquer preço, até asfixiar o pequeno curtume. Na hora em que ele quebrou, ele voltou para 3, 4 reais. Isso tem uma marca nesse negócio e nós precisamos quebrar. Agora, como é que quebra? Nós vamos quebrar com os frigoríficos, porque nos frigoríficos, nós vamos ter grande produção de pele, consequentemente, podemos negociar mercado. É diferente de quem vende uma pele, de uma em uma. Então, um bate como esse menino aqui de Quixadá. Eu passei lá com o Paulo e fiquei com pena dele. Ele está buscando mais é na Bahia, está indo buscar animais muito longe e não consegue abastecer o frigorífico dele, por estas razões que colocamos aqui. Agora, tem um compromisso do Estado, do Governo, de na verdade, apoiar melhor a caprinocultura, para aumentarmos essa taxa de desfrute.

Agora, eu queria deixar aqui uma mensagem. É que esse trabalho, temos que esquecer Governo. Governo é uma instituição muito pesada e sofre solução de continuidade, como foi colocado aqui. Alguém começa e há uma mudança de Governo, o negócio ali, morre. Alguém tem que chamar para si a responsabilidade de construir e construir negócio do produtor rural, ele entender que aquele negócio é dele, porque normalmente, o produtor rural olha para o técnico do Governo e acha que a responsabilidade é do técnico, de levar aquele negócio à frente. Mas, a responsabilidade é do Governo, ele se sente menos responsável. Eu tenho tentado construir isso no meu Estado, pelo seguinte: Hoje eu coordeno um programa, que ele é imenso, são 120 mil litros de leite que temos que produzir todo dia num Estado que não é produtor de leite. Foram 7.200 produtores ligados a mim, são 110 associações formadas, têm 26 laticínios trabalhando comigo e todos eles em um primeiro momento, achavam que era responsabilidade fazer aquele negócio dar certo e de ter continuidade e era responsabilidade minha, porque eles vêem em mim um instrumento do Governo. Eu faço questão de dizer a eles, que amanhã eu posso estar fora, amanhã, posso não estar gostando do meu trabalho e pedir transferência para outra área e meu salário vai continuar exatamente o mesmo, não vai mudar absolutamente, em nada. E aí eu pergunto: E se acabando o programa amanhã, a situação do produtor é a mesma? Com certeza, não é. Então, eles têm que entender que esse negócio é dele e que nós somos instrumento disso. Eu sou funcionário do Governo, sou pago pela sociedade, quem paga ao meu salário é o produtor rural. Todos têm que ter consciência disso, eu sou empregado dele e ele tem que exigir. Mas, o nosso produtor não sabe, a nossa cultura não permite isso. Ele acha que sempre nós determinamos e lê cumpre, mas não é assim. Nós temos que criar essa consciência cidadão, tocar esse negócio. O produtor rural tem que entender que ele é dono do negócio e que nós somos apenas coadjuvantes. O Governo tem que ser coadjuvante desse negócio, vir para ajudar. Quando o Governo não vier para ajudar, é melhor que ele esteja fora. Esse programa do leite, por exemplo, eu digo sempre, esse programa não é eu, não é do Governo Cássio, esse programa é do produtor rural e ele tem que lutar por isso. Isso não é trabalho de um homem só, é um trabalho da sociedade. Vocês vejam que a sociedade do Cariri, na hora em que tomou a rédea do seu negócio. Nós tínhamos o pior IDH do Estado, que era o do Cariri Paraibano, faz 5 anos que pegou a rédea do seu negócio e hoje nós temos o segundo IDH do Estado. Aquela região, como disse para vocês, que participava apenas com 3% do PIB do Estado, que já era o mais pobre da Federação, transformou-se nesses 5 anos, porque a sociedade pegou na rédea.

Então eu acho que, se sairmos daqui com essa mensagem, de que nós produtores, os senhores produtores, é que têm que construir o seu negócio, brigar pelo seu negócio e Governo só será bem vindo enquanto ele vier a contribuir e na hora em que ele vier para não contribuir, ele é um mau exemplo.

SR. COORDENADOR FLÁVIO SABOYA : Aldomário, pelo adiantado da hora, nós temos que encerrar às 10 horas, nós temos 3 perguntas ainda. Uma é do Aníbal, outra do Peixoto e outra, do Assis Vieira. Eu pediria até que os 3 em seqüência viessem logo, para fazer as suas perguntas.

Com a palavra Aníbal.

SR. ANÍBAL ARRUDA : Aldomário meus parabéns. Você fez uma demonstração correta, sobre todos os ângulos do que o problema da caprinocultura. Esqueceu de falar na ovinocaprinocultura e eu quero me apresentar. Eu sou Aníbal Arruda, engenheiro- industrial, engenheiro mecânico- eletricitista aposentado, que



há 10 anos venho como você, apesar da minha deficiência, que sou engenheiro- industrial, venho estudando a ovinocaprinopecuária. E cheguei a conclusão de que a solução para o semi-árido, é a ovinocaprinopecuária. Primeiro por ser um animal de pequeno porte, bebe pouca água e que não devemos ter a bovinocultura apenas como leite. E quero dizer para você, acompanhando colegas como o Duílio que chegou a produzir 2 mil litros de leite, quebrou. A minha visão é a carne e a minha visão é a ovinocaprinopecuária, confinada. Porque extensiva também, dá prejuízo, a comida é muito cara.

Então, eu pensei. A minha família é a maior produtora de cera de carnaúba e caju. Para você ter uma idéia, nós temos uma propriedade só uma, de 36 mil hectares, só carnaúba e caju plantado pelo meu avô, fora outras 29 propriedades de cera de carnaúba e caju. Então, eu vi o meu pai em 1.958, salvar o rebanho dele, com a palha da carnaúba. Ele cortava, no lugar de fazer o pó, estava barato, a cera de carnaúba sofre um processo da máfia e com o preço lá embaixo, eu via na exploração da carnaúba, inclusive, perdi um dedo numa máquina de cortar palha, quando criança e eu via que para você, quando distinguia a palha, o gado vinha, comia, o cordeiro comia, a cabra comia e eu me perguntava. Por que ele não comia a bagana? E o Padre Luiz de Piamarta me disse: “Você só pode saber, se botar ele para comer. Prenda ele”. Eu peguei um garrote, prendi, botei só a bagana, que é a palha depois de tirado o pó, que é cortada numa máquina. Botei sal e água. Depois de uma semana ele comeu, mas ele ficou com a boca toda ferida, a língua, o seu da boca, a gengiva, porque a palha da carnaúba tem um gumezinho e a bagana é cortada de 2 em 2 centímetros. E ele se espetou. E eu fui triturar a bagana e enfrentei o primeiro problema. Triturei numa forrageira, mas como ela é leve sobre nada e não dá produção. Aí eu botei mesmo assim, consegui fazer um saco e botei pra o animal comer e ele comeu. Aí eu vi o potencial enorme.

Para você ter idéia, o Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí, produzem 5 bilhões de quilos, todo ano, de palha de carnaúba, caju, nem se fala. Farelo de caju, nós temos 3 bilhões de quilos. Então, eu na minha ignorância, comecei a estudar o problema de ração para ruminante e comecei a pesquisar na Internet e vi o milagre da uréia, para enriquecer e determinados pesquisadores diziam que até um graveto, sendo da dimensão de um lápis, você triturasse e botasse uréia, servia para ruminantes. Então, fiz experiência com folha de cajueiro, fiz enriquecimento e a minha idéia, devido a minha deficiência, era procurar enriquecer isso.

Depois eu consegui, mandei examinar lá no IPP de São Paulo, a bagana. Veio uma resposta. Excelente, volumoso, para ruminantes, deverá ser feito um enriquecimento de proteína. Recentemente eu guardei a bagana num depósito e deixei ao relento. Peguei o caju, triturei, fiz o melaço, fiz um secador solar, sequei o caju e mandei para análise. Na Universidade Federal do Ceará, e por incrível que pareça, vou contar para o senhores é o resultado. Palha de carnaúba, bagana guardada, sem pegar sol, nem chuva. Por incrível que apareça, a bagana que ficou ao relento, deu de proteína bruta, 13,81% e o que ficou sem ser ao relento, deu apenas 9%. Até hoje não encontrei nenhum agrônomo que me explicasse isso. Eu duvidei, falei com a Dra. Elzene, ela fez 15 vezes essa análise e levou quase 6 meses para me entregar. Depois eu assisti, troquei outras amostras e outras amostras foram feitas se o resultado foi esse. E o que eu fiz? Hoje estou fazendo uns exames para melhorar a *gesticulidade*, tanto de um como de outro e estou fazendo a uréia e estou usando o melaço. Pego o caju, trituro e faço o melaço. Aí eu perguntei a Dra. Elzene o seguinte: Dra. Me explique o seguinte. Se a palha da carnaúba tem 13,81%, por que colocam o milho, que só tem 9%? E ela me respondeu que é porque o milho tinha uma energia enorme. Eu faço uma ração hoje da seguinte maneira. Com 65% de palha de carnaúba, 30% de farelo de caju e 5% de milho. Depois, o Professor Nunes, que da área de coco, muito meu amigo e tem me ajudado, ele disse: “Aníbal, você deve substituir o milho e usar o fruto da carnaúba, que tem mais 60% de energia do que o milho”. Então, veja agora, o potencial, que pode ser um produto para ovino e caprino e que é um produto que temos nesses 3 Estados e é jogado fora. Então, estou usando agora uma ração substituindo o milho, pelo fruto da carnaúba e tenho tido excelentes resultados. Já consegui carneiros e caprinos com 5 meses.

Então, a nossa idéia é a seguinte: Tudo que o senhor falou é verdade. O analfabeto é difícil, eu tive dificuldade com eles, que não acreditam em nada, apesar de estar vendo lá, não acreditam na palha de carnaúba. Então, eu boleio auxílio-escola é que sempre tem numa região, alguém que é autodidata, ele é mesmo um bom plantador, um bom ferreiro, é um bom soldador. Então, esses homens são os instrutores do auxílio-escola. E como é que amos resolver o problema da pele, a questão dos curtumes. Mas, esse precisa de associação. Eu cheguei a conclusão que você chegou; fazer associação é muito difícil. Você reúne, mas na hora do negócio cada um quer ter seu negócio. Então, vou passar para o senhor esse laudo. E dizer que, a grande dificuldade minha hoje é exatamente, é convencer que é preciso criar ovino, caprino, com esses 3 produtos. Esta a minha dificuldade. Faz 10 anos que insisto para que o Governo do Estado estude a palha da carnaúba e nunca. Procurei o Dr. Sisnando, ele me disse: “Meu filho, se palha de carnaúba servisse, era diferente. A Secretaria da Agricultura não aceita, não quer estudar”. Essas são as dificuldades. Agora, se um



agrônomo às vezes não acredita e um agente de produtor rural, eu queria dada a sua experiência, seu espírito, que o senhor pudesse desenvolver isso. Este é o meu apelo, porque têm 5 bilhões. Veja o custo benefício. Agora, a minha visão, sou contra o leite de cabra, porque é caro e todos os colegas nossas têm experiência nisso, que um cegou a produzir em torno de 1000 litros e colocou nas padarias. Mas, tem que ser 4 reais, para podermos ter lucro. Então, na minha visão, caprinos são 4 mil que devem ser mortos e o carneiro 6 meses; as peles vão para o curtume só para fazer *bruke* vendido a 15 dólares e a Itália compra todos eles e você gasta 50 centavos, para fazer *brukes*, não é essas coisas. Esta a minha visão e às vezes não sou compreendido, porque fico insistindo. A cera de carnaúba passaria a ser subproduto e a grande vantagem seria plantar carnaúba no semi-árido, porque ela resiste a seca. Eu cheguei a conclusão de que, quem tem bovino, quando pega uma seca como tivemos há 5 anos, perde e essa é uma solução que poderemos ter, independente da seca. Muito obrigado.

SR. COORDENADOR FLÁVIO SABOYA : Obrigado Aníbal. Com a palavra Peixoto.

SR. ANTÔNIO BEZERRA PEIXOTO : Aldomário, meus parabéns pela excelente palestra. Só queria uma informação que você começou a falar e não terminou, eu queria que você concluísse.

É sobre as quotas dos produtores, peã atingir a demanda. Porque aqui no Ceará há uma quota de 5 mil litros, onde o produtor só pode entregar 10 litros por dia. Então, isso inviabiliza o programa. A quota dos 5 mil litros não é atingida. Como é que você concilia esse interesse da pequena produção, através da MDA e MDF, e atender a agricultura familiar e como é que você atende a demanda dos médios e grandes produtores, que têm 100 litros/dia para entregar?

Outra coisa, queria fazer um comentário rápido, sobre a questão do tamanho bom da propriedade, que vocês resumem de vez enquanto. Chamaria atenção pra um ponto, que associação do semi-árido Paraibano não serve para o semi-árido cearense. E se chegarmos nesse nível de propriedade, nós inviabilizamos a ovinocaprinocultura. Porque aí você pega seguramente, 95% dos imóveis de fora. Quando conciliar os interesses da agricultura familiar com essa estrutura fundiária, que é desastrosa, 80% dos imóveis do Ceará e do semi-árido são dos pequenos e médios minifúndios, inviabilizam qualquer atividade econômica e o próprio conceito. Então, me parece que nós temos que entrar com uma atividade aí, falada e nunca levada muito a sério, que é a diversificação da economia rural. Introduzir atividades não-agrícolas, para que as pequenas propriedades sejam viabilizadas.

SR. COORDENADOR FLÁVIO SABOYA : Com a palavra Assis.

SR. ASSIS VIEIRA: Nós estamos realmente no adiantado da hora, mas gostaria de fazer algum comentário, sobre o que escutei hoje aqui no AGROPACTO. Meu nome é Assis Vieira, sou Presidente do Sindicato Rural de Maranguape. Eu parabenizo a escolha em trazê-lo hoje aqui, porque acho que por aí o caminho. O negócio é fazermos reuniões objetivas e neste nível. Nós de fato, precisamos desse encorajamento desse processo, temos consciência de que o problema realmente, é agregar é o cooperativismo e parabenizo vocês, pelo trabalho que estão executando lá.

Colocaria algumas questões aqui, perguntas ou sugestões, nesses 3 minutos que vou ter aqui.

Em primeiro lugar, a preocupação com relação a Governo e empresário, proprietário, realmente, ela se faz necessária e temos que caminhar com muito cuidado. Nós temos um exemplo aqui, em Maranguape, que nós criamos o Gera Leite. Esse Gera Leite, o produtor está pagando também. O Governo paga 20%, aliás a Prefeitura lá paga, mas o Governo está contribuindo com seus técnicos, engenheiro, veterinário, mas o produtor rural está pagando também. Ele tem essa consciência, que nós procuramos introduzir lá, quer dizer, nós procuramos fazer com que ele abra a porteira e não deixar a porteira para o técnico ir, dar o recado, dar o remédio, embora ele passe o remédio, ele não dá o remédio. E eu colocaria aqui uma questão, já que o senhor veio pra cá e o senhor teria que sair daqui também, com alguma sugestão para o projeto que está executando lá, porque essa toca é que é importante. O senhor fala sobre essa questão de amanhã estarmos com um problema com relação ao Governo, segurança, etc. Realmente, isso é uma coisa que preocupa. Enquanto o empresário não estiver na Universidade e a Universidade não estiver dentro do campo, nós não vamos ter resultados futuros. Então, uma sugestão que eu daria. Esse trabalho que o senhor vem fazendo, eu o parabenizo, o senhor já chegou num ponto que realmente, eu sei como está. Realmente, nós começamos agora no Sindicato há 2 anos, eu me senti na direção do cargo e encontrei duas pessoas e já começamos a nos integrar. Então o que tem é que começar. Agora a sugestão que eu daria, era o senhor 2 centavos do produto do leite, ou de cabra, ou ovino e esses 2 centavos, um ficaria para a associação, para um momento difícil desse que você pode atravessar aí com o Governo alterar um programa, ou coisa



parecida e 1 centavo você devolveria a ele, ficaria aplicado e no final do ano, devolveria ao produtor. Para você ter uma idéia, eu fiz uma conta rápida ali, se ele produzir 1000 litros de leite e só aplicar 1% em uma cooperativa de crédito, que dá um resultado melhor do que no Bradesco, ele vai receber 5 mil reais, no final do ano. Então, 5 mil reais para um produtor desse, tirando 1000 litros de leite por dia, é significativo. É a minha sugestão.

E com relação ao nosso trabalho aqui, realmente, Flávio era muito interessante que esta palestra tivesse prosseguimento. E esse prosseguimento poderia ser feito, juntamente, trazendo para cá alguns proprietários, a própria Faec, a Embrapa e o próprio Governo. Porque se não tentarmos juntos, não vamos encontrar solução para esses problemas que vamos ter que enfrentar, daqui para a frente. Nós temos que ver o seguinte: Produção do corte, da carne. Veja bem o que nós estamos deparando. É bom falarmos assim, quando você vem para cá, porque você é um produtor, é um técnico, mas está trabalhando dentro de uma área que é nossa também. Eu entendo que o Nordeste é um só, regionalismo não deve existir no Nordeste. Nós vamos ser regionalistas, brigar lá fora, mas aqui não, aqui todos são iguais. Nós estamos com a Resolução 51 da Normativa e as pessoas não entendem porque o Ceará não tem um laboratório. Eu acho ridículo isso, por que não ser em Pernambuco mesmo, para atender a região? E essa coisa tem que ter um ponto definitivo, tem que acabar. Nós temos um grupo de supermercados aqui no Ceará, que raciocinou inteligentemente, está tirando a sede dele daqui para Recife, porque a mercadoria está passando por Recife e vem para cá, volta para lá, com um custo muito mais alto. Então, voltando ao assunto, eu imagino que era muito importante esse trabalho que deveríamos fazer e tendo voe para dar o pontapé inicial, nós conseguimos.

Eu vou fazer aqui duas perguntas rapidinho. Você falou sobre células somáticas, reconhecemos que isso é difícil, mas lhe pergunto: Está havendo já algum trabalho nessa área?

Uma outra coisa também, que eu perguntaria ou sugeria. Esse leite de cabra para a merenda escolar está sendo misturado com o bovino e se está, é preciso ter o cuidado seguinte: Estamos perdendo oportunidade de divulgar o leite de cabra para o consumo. Então, talvez fosse interessante que esse programa tivesse em algumas situações, o uso do leite de cabra normal. Porque senão, não estamos utilizando o processo que o Governo está nos ofertando e amanhã, vamos ter o leite de cabra e não ter a quem vender. Mas, eu gostaria de frisar isso aqui para o Flávio e do interesse nosso de fazer um trabalho conjunto, nesse processo.

Só um minutinho mais. Com relação ao problema da carne. Parece que o problema nosso é exatamente, o grão. Então, nós estamos enfrentando uma situação muito difícil. Por exemplo, o Oeste da Bahia chove todo dia. Aqui se eu for fazer grão para o ovino e caprino, eu tenho energia. Então, era preciso também o Governo entender, que haveria de ter uma política pública no Estado, no sentido de fazer um trabalho de subsidiar, não é aquele subsídio do passado, aquele de abrir a mão e dar. Mas, de uma parceria, para que esse processo pudesse existir. Porque nós vamos competir. Olha a ovinocultura está na mesma situação. A Bahia tem muito mais possibilidade do que nós. Nós temos 12 empresas chegando agora na Bahia, com leite e por que não vem para cá? Cadê o custo de soja, de milho, como é que podemos produzir? Lá tem a palma e aqui não temos. Obrigado.

SR. COORDENADOR FLÁVIO SABOYA: Antes do Aldomário falar, eu gostaria de, primeiro, convidar o nosso companheiro do Banco do Brasil, que quer dar uma informação, em seguida, passar mais uma outra para os senhores. Obrigado.

SR. ARTHUR MATOS : O Banco do Brasil tem um evento hoje aqui no auditório, a partir das 14 horas, sobre a estratégia do biodiesel, a atuação do Banco com os parceiros Estaduais, Federais e parceiros locais. Esse evento é aberto ao público os senhores e senhoras estão convidados. Vão estar presentes: O presidente do Banco do Brasil, o Secretário do Desenvolvimento Agrário o representante dos órgãos da UFC, do Dnocs, Emater e outras entidades, que estão em torno da cadeia do biodiesel. Então, vocês fiquem convidados, quem quiser participar fique a vontade.

Eu acredito que esse estudo que é feito hoje em torno do biodiesel, é o que deve ser feito com relação a ovinocaprinocultura, como está sendo discutido aqui. Não sei se o Aldomário conhece o trabalho do Banco lá em Monteiro na Paraíba, que tem um trabalho do Desenvolvimento Sustentável, apoiando também, o desenvolvimento da caprinovinocultura. Eu estava relatando aqui o desafio que tem na ovinocaprinocultura, é o desafio que tem também, nas outras atividades. É o pessoal do mel, etc. eu mesmo tive dificuldade aqui, de comprar leite de cabra há 2 anos e tenho dificuldade ainda hoje. Uma necessidade que tive de comprar para o meu filho teve esse mesmo problema. Mas, aqui tem que se discutir, e o Banco hoje, através da DRS, tem procurado fazer isso de forma local, mas como disse o colega há pouco, isso



tem que ser regional mesmo. Pegar os Estados do Nordeste, que é uma maneira de resolver esses problemas. Porque é como você disse: Existe muita marra, muito esquema. Agradeço aqui o espaço. Muito obrigado.

SR. COORDENADOR FLÁVIO SABOYA : Muito obrigado. A outra informação que gostaria de trazer aos senhores, é que hoje estamos iniciando exatamente, a série de palestras sobre a ovinocaprinocultura. E constituímos já o grupo, que vai no decorrer dessa série de palestras que vamos ter. O Evandro da Embrapa, o Sebrae, nosso amigo Germano indicou o Carlos Viana, o Jorge será indicado pela Federação d a Agricultura. Estaremos convidando como produtores, o Jeová, pelo Clube do Berro e o *Tufi*, pela Caprileite, o Jeová, do Centec, que já está aqui, a Adece, seria o Zuza e vamos ainda convidar a SDA Secretaria de Desenvolvimento Agrário e naturalmente, o setor de comércio, provavelmente, o Paulo Holanda, que é do frigorífico e a SDA que nós temos o Ivo Braga e o Augusto, que são as pessoas responsáveis. Então a partir de agora, esse grupo está constituído e deverá efetivamente, passar a se reunir, para analisar todas essas questões que já o nosso companheiro Evandro iniciou aqui anotando.

Eu quero antes de passar a palavra para o nosso companheiro Aldomário, dizer da satisfação que foi essa impossibilidade da vinda do Luiz Alberto Amorim, porque você exatamente, está trazendo um assunto, que tem sido um desafio, um questionamento, até um peso de consciência em todos nós que fazemos principalmente, a caprinocultura de leite, de que essa atividade efetivamente, tem que no Ceará também, ocupar um espaço. E foi uma coincidência muito oportuna a sua vinda, principalmente, tratando da ovinocaprinocultura Institucional, com esse destaque pra a ovinocaprinocultura leiteira, desenvolvimento e oportunidade de negócio e inclusão social. Passo a palavra a você para as respostas devidas e o encerramento do nosso dia de hoje.

SR. ALDOMÁRIO RODRIGUES: Fico muito feliz em ter estado aqui, me coloco à disposição de vocês, pra na medida do possível, estamos juntos, aos amigos eu só tenho duas horas de dia e de noite e na verdade, a nossa experiência está lá, à disposição dos senhores.

Eu acho que essa atividade é como trair e coçar, é só começar. Com certeza, começando e tendo compromisso com ela, com certeza, nós chegaremos a um final feliz.

Começando pelo Dr. Aníbal, eu gostaria de ter o resto dia, o resto da semana para discutir essa atividade. Eu lamento profundamente, não ter trazido o material áudio visual, para que vocês vissem esse trabalho, mas não vai faltar oportunidade, não. Eu gostaria de ter uma semana para conversarmos, porque gosto muito de sistemas. Por exemplo, você fala muito em confinamento. Eu tenho a impressão, Dr. Aníbal, que o nosso futuro é o confinamento. Veja o seguinte: A atividade agropastoril no Nordeste Semi-árido, o advento do arame farpado, ele chegou aqui no Nordeste, na década de 30. Então, isso eram campos abertos. E nos campos abertos é que surgiram as vaquejadas, nas grandes festas de apartação, isso todo mundo sabe dessa história. Isso faz tão pouco tempo 1930, 1936, quando o arame farpado chegou por aqui. Eu sou muito piadista, não sei se posso contar alguma piada para os senhores. Mas, vejam bem, as famílias nordestina sempre foram grandes. Tinha até uma história de um sujeito que estava fazendo o último censo, visitando a casa de um produtor rural e perguntou: quantos filhos o senhor tem? Ele disse: "16 filhos". Ele disse: Tem uma prole grande. E ele disse: "Não, é até pequeninha". Ele confundiu as coisas. Na verdade, a prole era muito grande. Nas grandes propriedades eles foram subdividindo, subdividindo, o arame farpado, foi apartando as terras, hoje nós temos minifúndios. Calculada ao número dessas famílias, eu acho que hoje é coisa rara, pelo menos, lá para nós, não existem mais.

Eu lembro que li um livro, onde dizia que nessa época os produtores cercavam as culturas e as cidades, para não serem invadidas pelos animais. Quer dizer, prendia as culturas e soltava os animais. Eu acho que nós estamos chegando num momento inverso, ou seja, prender os animais e soltar as culturas, até porque preço de cerca está muito caro. É muito mais fácil fazer uma proteção para os animais e soltar as culturas, do que soltar os animais e reter as culturas. Acho que vamos caminhar para isso.

No Nordeste semi-árido, a nossa pobreza é mais em base alimentar, isso não tenho dúvida. Agora, nós temos que aproveitar todo potencial forrageiro que nós tenhamos, principalmente, resto de cultura. Eu vejo lá na Paraíba, àquela Região lá do agropólo do Abacaxi, uma riqueza para a pecuária e era desperdiçado isso. No tempo, o resto da cultura, a parte aérea do abacaxi, como do próprio fruto, depois de esmagado, lá o pessoal está aproveitando, dado africano, que não servia para nada, depois de muitos anos, hoje está até havendo um concorrência com a fonalha. E eu não tenho nenhuma experiência. O bagaço do caju, nós aproveitamos a castanha e o pseudofruto se perdia. Acho que isso é uma riqueza que tem de ser de alguma forma aproveitada. Eu acho que a pecuária é um instrumento para aproveitar isso.



Veja bem, infelizmente, Dr. Aníbal, o meu Estado, a carnaúba não tem expressão econômica., não sei até onde nós podemos lhe ajudar, porque aí cabe um trabalho de pesquisa, que vai estudar esse seu material, inclusive, não apenas a composição química biomatológica dele, tem que ver essa questão da proteína bruta, que eu acho muito alta; proteína alta de 13,8%, 14%, isso você vai encontrar em leguminosa. Você vê por exemplo, capim búfel, gira em torno de 7% e ainda com problema de oxalato muito sério. Pois bem, isso aqui pode ser uma riqueza. Agora, isso é proteína bruta. Você está me falando o que é a folha de carnaúba, que ela é dura, etc., pode ser que a proteína digestivo seja muito baixa, por conta do tanino, etc. O que sei é que precisa de um estudo.

Essa questão que você está levantando, de que a sombra ficou mais baixo do que ao relento, têm algumas coisas que devem ser consideradas. Nós sabemos que a palma forrageira, ela é muito pobre em matéria seca, ela só tem 10% de matéria seca. Mas, ela é muito rica em energia. Então, estamos fazendo um trabalho, juntamente com o pessoal de Pernambuco, do enriquecimento protéico da palma. O enriquecimento da palma, nós temos utilizado em insumo. O insumo que se alimenta da palma, consequentemente, ele cresce e serve para enriquecer a palma. Quem sabe se seu produto colocado lá, não tenha adquirido aí algum tipo de insumo? Bem, isso é suspeito, tem que ser estudado. E nós não podemos estar aqui no loa. Agora, o que é real, é que você tem 5 milhões de quilos desse produto, que está aí a nossa disposição, para que possa servir como alimentação animal. Eu acho que isso poderia ser melhor estudado.

O Peixoto me fez uma pergunta, sobre as quotas. Veja bem, Peixoto, na Paraíba, como de resto em todo o Nordeste e no Norte de Minas Gerais, tem um programa ligado ao Pia Leite, todo ele tem quota. O Governo colocou nas diretrizes, que só pode atender produtores de agricultura familiar e nivelou o cara por baixo. Ele tem que ser miserável eternamente, ele diz que pode comprar até 100 litros de leite ao indivíduo, mas limita o valor financeiro de 3 mil e 500 reais, por semestre. O senhor falou leite de cabra, não é, que só podiam comprar 10 litros. Pois bem, na Paraíba são 19 litros que nós pagamos 1 real. 1 real daria 19 reais. 19 reais vezes 30, 570 vezes 6 meses, vai dar mais ou menos uns 3 mil e 500 reais. Então, se limita essa quota exatamente por isso, porque tem limite financeiro. Agora, isso não quer dizer que não possa botar 100 litros de leite. Se tiver 100 litros de leite você pode botar. Agora, só pode ficar no programa até completar o limite dos seus 3 mil e 500 reais, isso é a regra. Aí nós dizemos; Muito bem, para o pequeno produtor da agricultura familiar, isso serve. Agora, para nós médios e maiores produtores que somos os que damos a sustentabilidade a qualquer negócio, porque na verdade, o pequeno produtor rural, esse produtor da agricultura familiar, ele não era produtor de leite, ele foi chamado a produzir leite, por esse programa e isso é muito lógico, muito fácil de se explicar. Porque a lucratividade do leite é muito pequena e só se metia no negócio, quem tinha escala, porque ganhava na escala, enquanto que esse tem que remunera na base, porque não tem escala. Então, ele foi chamado a participar, porque se garantia a ele uma compra de 1º de janeiro até 31 de janeiro, com preço estabelecido. Quer dizer, ele veio a participar, porque ele não participava desse negócio não. E hoje, acabando o programa, é o primeiro que desaparece. Agora, além dele desaparecer, ele vai arrastar o médio e o grande. Porque antes dele desaparecer, ele vai querer permanecer no negócio e continua produzindo e despenca o preço do leite, não tem jeito de não despençar no Nordeste o preço de leite. Porque exemplo, na Paraíba, se você tirar hoje 120 mil litros de leite e colocar isso no mercado, com certeza, o preço despenca, não tem jeito. Então, são questões que nós temos que trabalhar, alinhando isso, no dia a dia. E nós não temos cultura nisso. Nós fazemos um projeto, ele começa a andar, nós esquecemos que ele tem defeitos, nunca paramos para reavaliá-lo redirecionarmos e aí, nós estamos sempre recomeçando.

SR. EVANDRO HOLANDA : Mas, qual era a quota inicial? Porque esses 3 mil e 500, já são do ano passado para cá.

SR. ALDOMÁRIO RODRIGUES : Não, antigamente, eram 2 mil e 500 reais por ano. Nós brigamos, brigamos foi para 2 mil e 500 por semestre e agora, 3 mil e 500, por semestre. Inclusive, isso é o que nos prejudica, porque veja o seguinte: Eles fizeram essa proposta para grão. Aí você vê que grão, você produz uma vez por ano, não é de produção continuada, não é perecível, você pode armazenar e ela é verdadeiramente uma cultura da agricultura familiar, onde na maioria das vezes, o Estado dá a semente e a mão-de-obra é familiar. Quer dizer, não tem basicamente custo de produção Aí eles se basearam nisso, para fazer o Pia Leite do mesmo modo, não pode, o Pia Leite tinha que ser com uma visão diferenciada. Não sei se consegui responder, Peixoto.

Dr. Assis, veja bem, a questão de reservar os centavos, nós já estamos fazendo. Na Paraíba, a Associação deixa 5 centavos por cada litro de leite, colocado no tanque de expansão. Com esses 5 centavos eles fazem o seguinte: eles mantêm o tanque de expansão, que consome energia, tem um funcionário para



receber e fazer as anotações, tem o material de limpeza, tem os produtos de fazer a leitura da qualidade de elite, etc., e sempre tem uma reserva. E têm muitas associações contratando seu ADR, que dizer, a sua assistência técnica. A própria associação está contratando isso e o Sebrae tem a obrigação de ter um grupo de técnico que coordena isso, com um grupo com 1 agrônomo, 1 veterinário e 1 zootecnista, para assistir essas ADRs. E às vezes, falta energia um tanque desse se perde, o leite azeda, antes do caminhão chegar e em muitos casos, a própria associação tem repostado esse capital ao produtor, ele não tem perdido por conta desses 5 centavos que ele deixa lá dentro.

A outra questão é essa questão de parcerias. O Senhor falou muito na parceria com o Estado. Eu acho que a parceria tem que ser com o gestor municipal, lá na base. Agora, trabalhar dentro dos territórios. O própria MDA já trabalha dentro dos territórios. Tem que haver essa visão regional. O administrador público que for gerenciar o seu Município com a visão apenas do umbigo, pelo menos, para o semi-árido lá, não tem funcionado. Ele tem que ter uma visão regionalizada. Isso é difícil? É. É tanto que daquelas ó oportunidades de negócios que a própria sociedade elegeu, uma delas é gestão pública. Foi a própria sociedade que exigiu isso lá. E o Sebrae tem feito um trabalho muito interessante com os Prefeitos da Região. Inclusive, aqui vocês poderiam reunir, trazer esses Prefeitos de lá, que viveram esse processo e viver a experiência deles. Por exemplo, Cabeceiras, era um lugar de lixo atômico, hoje é uma cidade que está em franca expansão. Até mesmo essa questão do curtume que vocês falaram aí, Cabeceiras hoje tem um curtume e tem a Artesa, que é uma cooperativa, que está processando todo o couro que sai do curtume. Hoje está de vento em polpa. O Município Monteiro é outro, que poderiam trazer essas pessoas aqui, para dar esse depoimento. Vocês vão ver como a visão é diferenciada.

Com relação a ajudar no que for necessário, eu fico à disposição.

A questão de se ter mistura de leite de vaca com leite de cabra, não, é diferente. Nós temos as usinas que processam leite de vaca, temos as usinas que processam leite de cabra. E o Cariri Curimataú só recebe leite de cabra. Toda produção nossa, ela é envasada e distribuída como leite de cabra e a merenda escolar também, a Cohab no meu Estado não compra leite de vaca, para colocar nas compras Governamentais. Ele só trabalha com leite de cabra. Então, não tem essa mistura. Agora, quando tem alguma mistura, ela dá a ordem inversa. Porque como o leite de cabra é mais caro, aí tem nego que é fraudado botando leite de vaca lá dentro, porque paga 70 centavos o leite de vaca e 1 real o leite de cabra. Então, têm alguns produtores que têm vaca e têm cabra, querem jogar lá dentro. Nós tivemos que buscar um quite na Espanha, que faz uma leitura; você colocando 1 litro de leite de vaca em 100 litros de leite de cabra, ele consegue ler. E nós temos constatado algumas fraudes.

A questão de subsídios que você falou. Essa questão de subsídio eu vejo não, como subsídio. Eu acho que nós teríamos de ter uma política diferenciada para o Nordeste. E outra coisa, eu sempre acho que isso, desde menino, antes mesmo de ser um profissional da área, que eu ouço essa história. É porque o Governo tem que fazer isso, o Governo tem que fazer aquilo. Olha, eu perdi os cabelos, estou de cabelos brancos, já estou perto de me aposentar e nunca vi isso. As coisas só acontecem quando pegamos nas rédeas. Esqueça Governo, vamos construir isso. Agora, depois que estivermos unidos e estivermos fortes e as associações, nós podemos reivindicar, para que o Nordeste tenha um tratamento diferenciado. Aqui nós estamos todos e por exemplo, eu não me lembro qual foi o Deputado Federal que eu votei na última eleição. Será que vocês se lembram em quem vocês votaram? Com certeza, não. E são os nossos representantes e as pessoas responsáveis por essas Políticas Públicas. Olha, se nós não nos lembramos nem em quem votamos, imaginem nós termos acesso a esse povo, para ir buscar os nosso direitos. Não vamos, de forma organizada, não vamos. Tem que ser de forma associativa. E esse povo só conhece uma língua, que é a linguagem do voto. E nós, dentro das associações, nos tornamos fortes.

Sábado eu estava dando uma palestra, puxei uma caixa de fósforo e estava falando no associativismo e eu disse a um sujeito. Quebre este palito de fósforo e ele quebrou. Agora, quebre esta caixa. Não percebe. Então, nós com um palito de fósforo, somos fracos, agora, nós juntos, somos fortes.

Agora eu acho que, se vocês saírem daqui, primeiro com a vontade de fazer e segundo, sabendo que esse negócio começa em você, meio caminho está andado. Agora, se achar que começa no outro, que o outro tem que fazer para poder lhe puxar, com certeza, isso não vai acontecer, pode ter certeza disso.

SR. COORDENADOR FLÁVIO SABOYA : Obrigado Aldomário. Fui uma satisfação tê-lo conosco, aqui.

Está encerrada a reunião.